

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

A QUALIDADE DO RELACIONAMENTO CONJUGAL E O DESEMPENHO SOCIAL
DE CRIANÇAS PEQUENAS

Fabiana Rocha Machado

Orientadora: Elizabeth Joan Barham

SÃO CARLOS

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

A QUALIDADE DO RELACIONAMENTO CONJUGAL E O DESEMPENHO SOCIAL
DE CRIANÇAS PEQUENAS

Fabiana Rocha Machado

Orientadora: Elizabeth Joan Barham

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre em Educação Especial

SÃO CARLOS

2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

M149qr

Machado, Fabiana Rocha.

A qualidade do relacionamento conjugal e o desempenho social de crianças pequenas / Fabiana Rocha Machado. -- São Carlos : UFSCar, 2009.

107 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2009.

1. Prevenção de problemas de comportamento. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Desenvolvimento social. 4. Fatores de risco e proteção. 5. Relações familiares. 6. Conflito conjugal. I. Título.

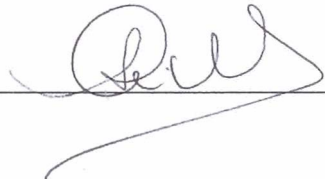
CDD: 303.32 (20^a)

Banca Examinadora da Dissertação de **Fabiana Rocha Machado**

Profa. Dra. Elizabeth Joan Barham
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Lúcia Cavalcanti de A. Williams
(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Edna Maria Marturano
(USP/Ribeirão Preto)

Ass. 

Este trabalho é dedicado às pessoas que se dedicam parcial ou exclusivamente a pesquisar ou desenvolver atividades que contribuem para o bem da sociedade. Sociedade esta que, a cada dia, permite que valores tão importantes como a família sejam tratados com uma importância tão pequena...

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, por minha família e pela constante renovação das forças durante a execução deste trabalho.

À minha orientadora Professora Dr^a. Elizabeth Joan Barham (“Lisa”), por ser um exemplo de vida profissional e uma amiga que jamais esquecerei.

Ao meu marido, amigo e incentivador, Raphael, por todo seu amor, cuidado e apoio, especialmente nos momentos difíceis pelos quais passei durante este período.

Aos meus pais, Sebastião e Edeza, pelo encorajamento e por terem me ensinado a valorizar o conhecimento.

À empresa Lupo S/A pelo apoio. Em especial agradeço ao Gerente de Recursos Humanos, Carlos, à supervisora da Creche Lobinho, Fátima, e às funcionárias da creche, que muito colaboraram com a coleta de dados.

Às mães, que participaram e permitiram a participação de seus filhos. Sem vocês este trabalho não teria sido possível.

À Leise (a “tia Leise”) pela amizade e pelo incentivo.

Às professoras que participaram da qualificação e defesa deste trabalho: Professora Dr^a. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, Professora Dr^a. Ana Lúcia Rossito Aiello e Professora Dr^a. Edna Maria Marturano, pelas valiosas contribuições.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, em especial à Elza, pela ajuda.

RESUMO

A literatura científica tem apontado algumas características familiares como fatores de risco para o desenvolvimento social das crianças, como por exemplo, baixa renda, baixa escolaridade, gravidez na adolescência, o isolamento social da família, pais vivendo com estresse elevado, famílias monoparentais, doença psiquiátrica parental (incluindo depressão), história parental criminal, história de abuso de substâncias, ou alto grau de conflitos conjugais. Alguns destes fatores, como no caso de conflitos conjugais, carecem de informações mais detalhadas, obtidas no contexto brasileiro, as quais são essenciais para fundamentar a construção de programas de prevenção para reduzir fatores de risco ao desenvolvimento infantil social, no Brasil.

Os fatores de risco podem contribuir para o desenvolvimento de problemas de comportamento por parte das crianças e, conseqüentemente, prejudicarem seu convívio social, além de serem possíveis fontes para outros problemas como dificuldades de aprendizagem, depressão, ansiedade e outros quadros psicológicos. Em função disso, a identificação e prevenção dos fatores de risco que possam prejudicar o desenvolvimento humano é uma das áreas de estudo do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. Embora o número de programas de prevenção em Educação Especial tenha crescido significativamente, especialmente nos Estados Unidos, no Brasil pouco se fala em programas preventivos nesta área, restando aos profissionais que trabalham com esta população a difícil tarefa de remediar problemas de longa data.

Considerando a escassez de estudos brasileiros que tenham como objetivo verificar os impactos de conflitos na relação conjugal no desenvolvimento social infantil especialmente com crianças muito pequenas, o objetivo deste estudo foi a investigação das relações entre características pessoais dos pais, características do relacionamento conjugal e o desempenho social de crianças na faixa etária de um a dois anos.

Por se tratar de um estudo exploratório, o delineamento não-experimental foi utilizado. Participaram deste estudo 27 casais e seu filho-alvo, com idade entre 15 e 26 meses, matriculado em uma creche da cidade de Araraquara – SP. Os pais preencheram um instrumento sobre seu perfil sócio-econômico, o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais, uma Descrição das Situações de Conflito e o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp. Para a avaliação do desempenho social das crianças o Inventário Portage Operacionalizado foi utilizado.

Embora tenha existido certo grau de variação nas respostas dos participantes, não foram encontradas correlações significativas entre as características dos pais e o desempenho social das crianças. Com relação às habilidades sociais conjugais dos pais, houve uma correlação negativa significativa entre a frequência com que o pai relatava que “sai do lugar em que estava com seu parceiro, batendo o pé,” e o desenvolvimento social das crianças desta amostra ($r = - 0,48$; $p < 0,05$).

Espera-se que os resultados obtidos por este estudo e outros sobre a mesma temática possam ser utilizados como base para programas que tenham como objetivo trabalhar preventivamente com as famílias de crianças nesta faixa etária, a fim de instrumentalizá-los a transformar algumas das características de seu relacionamento conjugal em fatores de proteção para o desenvolvimento do seu filho.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil, desenvolvimento social, prevenção, fatores de risco, relacionamento conjugal.

ABSTRACT

The scientific literature indicates that certain family characteristics can act as risk factors for children's social development, such as low income and low educational attainment levels, adolescent pregnancy, social isolation, parents who are highly stressed, single-parent families, a parent with a psychiatric disorder (including depression), parents with a criminal history, a history of drug abuse, or a high-conflict spousal relationship. More detailed information about some of these factors is lacking, particularly with respect to the Brazilian context, as in the case of spousal conflicts. Such information is essential to permit the construction of preventive programs that could reduce risk factors for infant social development, in Brazil.

Risk factors can contribute to the development of problem behaviors among children and, as a result, interfere in their social relationships, as well as contributing to other difficulties such as learning problems, depression, anxiety and other psychological conditions. For this reason, the identification and prevention of risk factors that can harm human development is one of the research areas of the Special Education Graduate Program at the Federal University of São Carlos (Brazil). Although the number of Special Education prevention programs has increased significantly, especially in the United States, there are few prevention programs in this area, in Brazil, resulting in a situation in which professionals face the difficult task of remediating long-term problems.

Considering the paucity of Brazilian studies that aim to verify the impacts of conflicts in the spousal relationship on infant social development, particularly among very young infants, the objective of this study was to investigate the relationships between personal parent-characteristics, characteristics of the spousal relationship and the social performance of their child, between one and two years of age.

Given the exploratory nature of this study, a non-experimental design was used. Participants included 27 couples and their target child, who was between 15 and 26 months of age and who attended a daycare center in the city of Araraquara, São Paulo, Brazil. The parents completed an instrument to evaluate their socioeconomic situation, a *Marital Social Skills Inventory*, a *Description of Conflict Situations*, and *Lipp's Adult Stress Symptoms Inventory*. The *Operationalized Portage Inventory* was used to evaluate the children's social performance.

Although there was a certain amount of variability in the participants' responses, the correlations between the parents' personal characteristics and their child's social performance were non-significant. With respect to the parents' marital social skills, in this sample, there was a significant negative correlation between the frequency with which the parents reported that they "*stomped out of the room*," and the child's social performance ($r = -0.48, p < 0.05$).

Using the results from this study together with those from other studies about this topic, it should be possible to create programs that can help prevent problems in families with children in this age group, striving to provide them with the means to transform some of the characteristics of their spousal relationship so that they will be protective factors for their child's development.

Key words: infant development, social development, prevention, risk factors, spousal relationship.

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1 – Média de horas dedicadas pelas mães e pelos pais às atividades domésticas, nos dias de trabalho e nos dias de folga. _____	50
Tabela 2 – Média de horas dedicadas pelas mães às atividades educativas, de cuidados e de lazer com os filhos, nos dias de trabalho e nos dias de folga. _____	51
Tabela 3 - Sintomas de stress físico apresentados pelas mães. _____	55
Tabela 4 - Sintomas de stress psicológico apresentados pelas mães. _____	55
Tabela 5 - Sintomas de stress físico apresentados pelos pais. _____	57
Tabela 6 - Sintomas de stress psicológico apresentados pelos pais. _____	57
Tabela 7 – Motivos dos conflitos conjugais _____	59
Tabela 8 - Correlações entre as características da criança e seu desempenho social _____	62
Tabela 9 - Correlações entre as características dos pais e o desempenho social de seu filho _____	62
Tabela 10 - Correlações entre o tempo dedicado pela mãe às atividades educativas, de cuidados e de lazer para com a criança e seu desempenho social _____	63
Tabela 11 - Correlações entre aspectos da relação conjugal e o desempenho social das crianças _____	64
Tabela 12 - Correlações entre as táticas utilizadas pelas mães para lidar com as situações de conflito e o desempenho social de seus filhos _____	64
Tabela 13 - Correlações entre as táticas utilizadas pelos pais para lidar com as situações de conflito e o desempenho social de seus filhos _____	65
Tabela 14 - Correlações entre os sintomas de stress dos pais e o desempenho social das crianças _____	65
Tabela 15 - Correlações entre os sintomas de stress apresentados pelos pais e habilidades sociais conjugais _____	66
Tabela 16 - Correlações entre as habilidades sociais conjugais dos pais e a satisfação com o relacionamento atual _____	67
Tabela 17 - Correlações entre a carga diária de trabalho dos pais e os sintomas de stress físico e psicológico de mães e pais. _____	68
Tabela 18 - Correlações o número de horas diárias dedicadas às atividades domésticas nos dias de trabalho e nos dias de folga e a carga de trabalho diária de cada um dos pais. _____	68

Tabela 19 - Correlações entre o número de horas diárias dedicadas às atividades domésticas nos dias de trabalho e nos dias de folga e os sintomas físicos e psicológicos de stress de mães e pais. _____ 69

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 – Distribuição dos participantes pais, por sexo e faixa etária. _____	39
Figura 2 – Distribuição dos participantes, por grau de escolaridade e sexo. _____	39
Figura 3 - Distribuição dos casais, por tempo de união. _____	40
Figura 4 – Distribuição das famílias, por Classe Econômica. _____	40
Figura 5 – Distribuição dos participantes por horário de trabalho e por sexo. _____	41
Figura 6 - Número de horas dedicadas por dia ao trabalho fora de casa, pelas mulheres ____	49
Figura 7 - Número de horas dedicadas por dia ao trabalho fora de casa, pelos homens. ____	50
Figura 8 – Distribuição dos escores no Inventário de Habilidades Sociais Conjugais – mães	52
Figura 9 – Distribuição dos escores no Inventário de Habilidades Sociais Conjugais – pais	53
Figura 10 – Distribuição do número de sintomas físicos de stress – mães _____	54
Figura 11 – Distribuição do número de sintomas psicológicos de stress – mães. _____	54
Figura 12 – Distribuição do número de sintomas físicos de stress – pais. _____	56
Figura 13 – Distribuição do número de sintomas psicológicos de stress – pais. _____	56
Figura 14 – Distribuição dos participantes, por satisfação com o relacionamento atual e por sexo _____	58
Figura 15 – Avaliação do desempenho social das crianças _____	60
Figura 16 – Avaliação do desempenho social dos meninos _____	61
Figura 17 – Avaliação do desempenho social das meninas _____	61

SUMÁRIO

	Página
AGRADECIMENTOS _____	6
RESUMO _____	7
ABSTRACT _____	8
LISTA DE TABELAS _____	9
LISTA DE FIGURAS _____	11
SUMÁRIO _____	12
INTRODUÇÃO _____	14
O desenvolvimento social de crianças pequenas _____	14
Problemas de comportamento _____	16
Fatores de risco para o desenvolvimento social _____	19
O conflito conjugal como fator de risco _____	20
O conceito de conflito _____	22
Conflitos de interesse entre casais _____	23
A dupla jornada de trabalho das mulheres _____	24
A dificuldade na divisão de tarefas domésticas e educativas _____	26
Conflitos conjugais _____	29
De que forma os conflitos conjugais afetam o desenvolvimento infantil _____	30
A família vista como ambiente de proteção _____	34
Objetivos do estudo _____	35
MÉTODO _____	38
Participantes e local _____	38
Características das crianças _____	38
Características dos pais _____	38
Instrumentos _____	41
Instrumentos respondidos pelos pais _____	41

Medidas das crianças	44
Procedimento	46
Procedimentos preliminares e cuidados éticos	46
Coleta de dados	46
Análise dos dados	47
RESULTADOS	49
I. Dados descritivos	49
Tempo dedicado pelas mães e pelos pais às atividades domésticas	50
Tempo dedicado pelas mães às atividades com o filho	51
Repertório de habilidades sociais conjugais dos pais	52
Sintomas de stress apresentados pelos pais	53
Satisfação com o relacionamento conjugal	58
Motivos dos conflitos conjugais	58
Avaliação do repertório social das crianças	59
II. Correlações	62
Relações entre as características dos pais e o desempenho social das crianças	62
Relações entre o tempo dedicado pela mãe ao filho e o desempenho social das crianças	63
Relações entre aspectos da relação conjugal e o desempenho social das crianças	63
Relações entre os comportamentos para lidar com conflitos utilizados pelas mães e pelos pais e o desempenho social de seus filhos	64
Stress dos pais e o desempenho social das crianças	65
Relações entre habilidades sociais conjugais e stress dos pais	66
Relações entre habilidades sociais conjugais e a satisfação com o relacionamento atual	66
Relações entre a carga diária de trabalho dos pais e o stress apresentado por eles	67
Relações entre a dedicação dos pais às tarefas domésticas e a carga diária de trabalho	68
Procedimentos posteriores à análise dos resultados	69
DISCUSSÃO	70
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento social de crianças pequenas

O desenvolvimento social se inicia já nos primeiros anos, no contexto familiar, onde a criança aprende as primeiras normas de convivência e comportamentos sociais. López (1995) define a socialização como “um processo interativo, necessário à criança e ao grupo social onde nasce, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura, ao mesmo tempo em que, reciprocamente, a sociedade se perpetua e desenvolve.” (p.83).

As primeiras investigações a respeito do ambiente familiar apresentavam um enfoque unidirecional, procurando compreender qual a influência dos comportamentos da mãe no desenvolvimento da criança. Assim, a criança era muitas vezes analisada como alguém que recebe a influência do meio, mas não atua sobre ele. Atualmente, tem-se também considerado que a criança exerce um papel ativo na interação com o adulto, de modo que as características da criança (sexo, idade, disposição para a interação) e o modo como ela se comporta (com maior irritabilidade ou demonstrando maior afetividade, por exemplo) também influenciam no relacionamento entre mãe e filho. Assim, quando se trata de investigar esta relação, faz-se necessário considerar o caráter bidirecional desta relação (Moreno & Cubero, 1995).

Para López (1995), o processo de socialização pode ser dividido em três subprocessos, intimamente ligados entre si: processos mentais (de aquisição de conhecimentos), processos afetivos (de formação de vínculos) e processos condutuais (de conformação social da conduta).

Os vínculos afetivos são considerados as bases mais sólidas para o desenvolvimento social. Os vínculos afetivos unem a criança a outras pessoas (primeiramente com os pais e, posteriormente com irmãos e amigos) e são fundamentais para o desenvolvimento de uma conduta pró-social posterior.

O desenvolvimento afetivo, considerado crucial para o desenvolvimento social, inicia-se durante os dois primeiros anos de vida. O apego e a amizade são os vínculos afetivos básicos, sendo o primeiro fundamental nos primeiros anos de vida e muito estudado na literatura sobre desenvolvimento infantil por sua importância para o desenvolvimento social posterior (López, 1995).

Nunes, Fernandes e Vieira (2007), em seu artigo de revisão a respeito das interações sociais precoces, afirmam que o pioneiro no estudo do vínculo de apego entre mães e filhotes de mamíferos foi o psicólogo americano Harry Harlow e que posteriormente, Bowlby e Bowlby e Ainsworth, aprofundaram os estudos sobre este conceito, em meados do século passado. Segundo estes autores, Harlow “demonstrou que o apego entre filhotes de *rhesus* não era eliciado, primariamente, pela busca da satisfação alimentar, mas sim, em razão do aconchego que eles encontravam num modelo de mãe revestida de tecido. Concluiu também, que o vínculo mãe-filhote é a base de todos os outros laços afetivos e, portanto, configura-se como essencial para a saúde mental e para o desenvolvimento normal em primatas.” (p.163).

Sobre o trabalho de Bowlby intitulado “*The nature of the child’s tie to his mother*” de 1958, Nunes, Fernandes e Vieira (2007) destacam que “Bowlby defende que os bebês, desde quase imediatamente após o seu nascimento, respondem de forma peculiar frente a certos padrões de estímulos que lhes são biologicamente interessantes (...). A necessidade social é primária e é ela quem desencadeia o vínculo de apego. Além disso, esse comportamento, uma vez iniciado, somente poderá ser terminado pela ação de sua contraparte, o comportamento parental”. (p.163).

Vayer e Roncin (1990) afirmam em seu livro que, para Bowlby a função do apego à mãe é dar a criança o sentimento de segurança e que, na ausência de uma mãe natural, a figura de apego pode ser substituída por a de outro adulto, mas não deve faltar. O sentimento de segurança é necessário à criança para facilitar seu desenvolvimento social posterior.

Além dos aspectos afetivos relacionados ao desenvolvimento social, é importante observar que a criança, desde muito cedo, observa e imita constantemente os comportamentos de seus pais, copiando também padrões emocionais apresentados por eles. “Quando os pais não possuem um repertório adequado de habilidades sociais, a convivência familiar pode ser fonte de infelicidade para todos os seus integrantes, gerando problemas de adaptação social nas crianças”. (Del Prette & Del Prette, 2005, p.59).

Outro fator importante a ser considerado na investigação da família são os *efeitos indiretos ou de segunda ordem* que o comportamento dos pais exerce sobre a criança. Os efeitos indiretos podem ser entendidos como “processos através dos quais uma pessoa influi sobre outra por intermédio de uma terceira” (Moreno & Cubero, 1995, p.192). Como exemplo, o pai pode exercer influência negativa ou positiva sobre a relação mãe-filho, de acordo com a forma como se relaciona com sua esposa. Assim, segundo a visão sistêmica, a

família é vista como uma rede de relações, na qual cada relação influencia e é influenciada por outras relações e pelos elementos que as compõem.

Segundo essa ótica, torna-se claro que o estudo do ambiente familiar não pode estar restrito à investigação da díade mãe-criança, devendo-se considerar: as influências diretas e indiretas que os outros membros da família exercem sobre ela e as influências que as características e comportamentos da própria criança exercem sobre os membros de sua família.

Embora haja um consenso na literatura quanto à influência de fatores inatos no desenvolvimento social da criança, os comportamentos socialmente adequados também são considerados como habilidades aprendidas em decorrência da interação entre a criança e o ambiente ao seu redor. As condições encontradas pela criança em seu ambiente poderão ser adequadas, restritivas ou prejudiciais para o desenvolvimento de seu repertório de comportamentos sociais. Repertório este, que será utilizado em suas relações sociais posteriores. Se, além de restritivas ou inadequadas as condições ambientais forem favoráveis ao desempenho de comportamentos indesejáveis, o desenvolvimento social poderá ser ainda mais comprometido e seus déficits ainda mais acentuados (Del Prette & Del Prette, 2005).

Problemas de comportamento

Definir o que são comportamentos considerados socialmente adequados e o que são comportamentos considerados socialmente inadequados não é uma tarefa fácil. Tanto na literatura nacional como na estrangeira, várias terminologias já foram utilizadas com o objetivo de tentar clarificar estes conceitos.

No Brasil, a primeira expressão a ser utilizada com o objetivo de definir a criança com problemas de comportamento foi “portador de problemas de conduta”, porém o Ministério da Educação (Secretaria de Educação Especial) substituiu esta expressão por “aluno com condutas típicas”. Isso porque, segundo a cartilha de orientação para professores distribuída pelo Ministério da Educação (Brasil, 2002a), o significado da expressão “portador de problemas de conduta” aparentemente não foi muito bem compreendido pelos professores, que começaram a encaminhar para a Educação Especial alunos que apresentassem qualquer tipo de reação considerada pelo professor como inadequada.

No entanto, a dificuldade de compreensão desta terminologia não é uma característica exclusiva do Brasil. A literatura internacional aponta a dificuldade de

compreensão deste quadro, havendo falta de consenso inclusive a respeito da terminologia a ser utilizada para descrever este aluno. Na literatura norte-americana são encontrados os termos aluno com desordens emocionais e comportamentais, alunos com distúrbios de comportamento, entre outros. (Gargiulo, 2006).

Além da falta de consenso quanto ao uso da terminologia, encontra-se na literatura internacional diferentes descrições para este quadro. Nos Estados Unidos, as definições mais comumente adotadas são as definições do IDEA (The Individuals with Disabilities Education Act) – órgão que regulamenta as leis federais da Educação Especial - e do Conselho para Crianças com Desordens Comportamentais (CCBD).

O IDEA adotou o termo *distúrbios emocionais sérios* até 1997, quando passou a adotar a terminologia *desordens emocionais*. O IDEA definiu as características que, quando apresentadas pelos alunos, devem servir de base para considerá-los com distúrbios emocionais e, desse modo, justificar seu encaminhamento para serviços de Educação Especial:

“A criança deverá apresentar uma ou mais de uma das seguintes características, por um período longo de tempo e em um grau elevado de tal forma que suas atividades acadêmicas sejam prejudicadas:

- 1 - Dificuldade de aprendizagem não explicada por fatores intelectuais, sensoriais e de saúde;
- 2 - Dificuldade em estabelecer relações interpessoais satisfatórias com os pares e professores;
- 3 - Apresentar comportamentos e sentimentos inapropriados em circunstâncias normais;
- 4 - Sentimentos de infelicidade ou depressão sempre presentes no humor geral;
- 5 - Tendência em desenvolver sintomas físicos ou medos associados a problemas pessoais ou escolares.”

Além da definição acima mencionada, para o IDEA, a definição inclui a esquizofrenia e não se aplica às crianças que são consideradas socialmente mal-ajustadas até que se determine que elas apresentam distúrbios emocionais.

A terminologia adotada pelo CCBD é “desordens emocionais e de comportamento” e a definição utilizada por esta instituição é apresentada a seguir:

“1. O termo desordens emocionais e de comportamento significa uma incapacidade que é caracterizada por respostas emocionais ou comportamentais tão diferentes das esperadas para sua idade, cultura ou normas étnicas que afetam o desempenho educacional, incluindo habilidades acadêmicas, sociais, vocacionais ou pessoais; as respostas esperadas a eventos estressores do ambiente acontecem de forma não

provisória; aparecem de forma consistente em pelo menos dois ambientes diferentes, sendo que um deles está relacionado à escola; não respondem às intervenções diretas da educação geral, ou as condições da criança são tais que as intervenções da educação geral não lhe são suficientes;

2. O termo inclui também a incapacidade que coexiste com outras deficiências;

3. O termo inclui as desordens esquizofrênicas, afetivas, de ansiedade, ou outras desordens de conduta ou ajustamento que afetam a criança, se estas afetarem o desempenho escolar como descrito no item 1”.

Em uma outra cartilha para orientação de professores editada pela Secretaria da Educação (Brasil, 2002b) os alunos com Condutas Típicas são definidos como crianças que “geralmente, não apresentam comprometimento ou atraso intelectual, mas vivenciam enorme dificuldade em se adaptar ao contexto familiar, escolar e comunitário. No que se refere ao desempenho acadêmico, por outro lado, suas aquisições e desenvolvimento parecem se correlacionar com a intensidade e a frequência do problema que apresentam.” (p.10).

Além disso, neste material é feita uma diferenciação entre dois tipos de comportamentos considerados como Condutas Típicas: comportamentos voltados para si próprio (fobias, auto-mutilação, alheamento do contexto externo, timidez, recusa em verbalizar, recusa em manter contato visual) e comportamentos voltados para o exterior (agredir, faltar com a verdade, roubar, gritar, falar ininterruptamente, locomover-se o tempo todo).

Embora todos estes comportamentos sejam mencionados, para a orientação do professor foram destacados os quadros considerados como mais comumente encontrados nas salas de aula, segundo a visão do autor, embora ele próprio reconheça que estes quadros não abrangem todos os padrões de comportamento denominados condutas típicas: distúrbios da atenção, hiperatividade, impulsividade, alheamento e agressividade física e/ou verbal.

Na literatura internacional a respeito de problemas de comportamento na infância, encontramos os estudos de Achenbach e Edelbrock (1978, 1979). Estes autores realizaram uma série de estudos sobre a incidência, a classificação e a categorização dos problemas de comportamento na infância. Posteriormente, o primeiro autor apresentou uma classificação dos problemas de comportamento, dividindo-os em dois grupos de problemas: chamou de comportamentos internalizantes o grupo que compreende os comportamentos ansiosos e inibidos e de externalizantes o grupo que inclui o comportamento anti-social e agressivo. (Achenbach, 1991).

Achenbach (1991) afirmou que o comportamento agressivo se inicia na infância e que este engloba comportamentos como: destruição de objetos, exibicionismo, alterações súbitas de humor, ataques de raiva, comportamentos desafiadores, inclinação para discussão e atitude maldosa para com as pessoas.

Na literatura nacional, alguns autores têm utilizado os conceitos de Achenbach (1991) de comportamentos externalizantes e internalizantes em substituição ao termo “condutas típicas” ou similares (desordens de conduta, distúrbios de conduta ou transtorno de conduta). Como exemplo, Ferreira e Marturano (2002) utilizaram o termo comportamentos internalizantes para se referir a quadros de “disforia, retraimento, medo e ansiedade” e o termo comportamentos externalizantes para se referir aos “comportamentos marcados por hiperatividade, impulsividade, oposição, agressão, desafio e manifestações anti-sociais” (p. 35).

Fatores de risco para o desenvolvimento social

A Coordenadoria para integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) apresentou em 1992 a Política Nacional de Prevenção das Deficiências. Segundo esta Política, a prevenção é definida como “um ato ou efeito de evitação. Implicações antecipadas destinadas a impedir a ocorrência de fatos ou fenômenos prejudiciais à vida e à saúde, e, no caso de ocorrência destes fatos e fenômenos, evitar a progressão de seus efeitos.” (CORDE, 1992, p.7).

Os “fatos ou fenômenos prejudiciais à vida e à saúde”, como mencionado acima, também são chamados na literatura científica de fatores de risco. Nas palavras de Silveira, Silvaes e Marton (2003), temos: “Fatores de risco são elementos com grande probabilidade de desencadear ou associar-se ao desencadeamento de um evento indesejado, não sendo considerados necessariamente o fator causal” (p.60).

Hutz e Koller (1997) classificam os fatores de risco como: a) biológicos - decorrentes de problemas genéticos, de complicações relacionadas ao nascimento prematuro, de problemas de nutrição, ou de outros quadros adquiridos; b) sociais- englobam a falta de tempo, esforço ou recursos para proporcionar ambientes estimuladores ou ainda o ensino (mesmo que pelo exemplo) de posturas anti-sociais ou auto-lesivas, como quando se vive em um ambiente violento ou se convive com pessoas que abusam de substâncias tóxicas; ou c)

psicológicos- relacionados à falta de apoio e afeto ou advindos de abuso, negligência ou exploração. Esta di visão pode ser considerada uma divisão didática, uma vez que estes fatores se encontram ligados de tal forma que em alguns casos torna-se difícil classificar um determinado fator de risco. O fator de risco falta de tempo, por exemplo, pode ser classificado como fator de risco social ou como fator de risco psicológico, dependendo das condições em que ocorre e das conseqüências que acarreta para o desenvolvimento do indivíduo em questão.

Webster-Stratton (1990) aponta algumas características familiares correlacionadas ao desenvolvimento do comportamento anti-social na criança: baixa renda, baixa escolaridade, gravidez na adolescência, isolamento, alto grau de estresse, pais solteiros, doença psiquiátrica parental, história parental criminal e abuso de substâncias, alto grau de conflitos conjugais e depressão.

López (1995) considera as relações entre as figuras de apego da criança como um fator importante a ser considerado. Este autor afirma que “os conflitos, a incoerência de métodos educacionais, as separações e o divórcio provocam grandes sofrimentos nas crianças” (p.92). Por outro lado, o inverso, relações de harmonia entre o casal, coerência dos métodos educacionais, apoio e afetividade no relacionamento do casal favorecem os sentimentos de bem-estar e segurança de seus filhos.

O conflito conjugal como fator de risco

A exposição da criança a situações de conflito parental tem sido estudada como fator de risco para o desenvolvimento infantil por estar relacionada a diversas conseqüências para a criança, como problemas de saúde, depressão, baixa competência social, baixo desempenho acadêmico e vários distúrbios de conduta correlacionados (Gottman, 1998).

No entanto, é importante destacar que dificuldades antecedentes da própria criança também podem gerar conflitos entre os membros do casal. Lee e Gotlib (1994) relatam que genitores de crianças hiperativas apresentam um ajustamento marital fraco e uma elevada taxa de separação e divórcio. Assim, existe uma influência bidirecional entre o comportamento da criança e as relações conjugais, com a probabilidade de tornar-se um ciclo vicioso, com dificuldades por uma das partes gerando ou agravando dificuldades na outra.

Ferreira e Marturano (2002) estudaram a relação entre o ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças de baixo desempenho escolar. Em

sua revisão da literatura, as autoras afirmam que “comportamentos externalizantes com componentes anti-sociais frequentemente se desenvolvem em contextos de adversidade ambiental e refletem processos de trocas contínuas entre características da criança nas interações sociais e características dos cuidadores”. Nessas trocas, o ambiente familiar apresenta práticas de socialização violentas, exposição a modelos adultos agressivos, falta de afeto materno e conflitos entre os pais (Blanz, Schmidt, & Günther, 1991; Dodge, Pettit & Bates, 1994; Ramsey, Shinn, Walker & O’Neill, 1989; Shaw & Emery, 1988; Vuchinich, Bank & Patterson, 1992). Assim, a existência de conflitos parentais é um dos fatores sinalizado como fator de risco para o aparecimento de problemas de comportamento em crianças, que influenciam o aparecimento de futuros problemas, como, por exemplo, baixo desempenho escolar.

No entanto, ao escrever o capítulo “Intervenção clínica e comportamental com crianças”, Silves (2001), além de destacar a importância da investigação a respeito do relacionamento conjugal como um dos fatores ambientais que podem influenciar no desenvolvimento de problemas psicológicos por parte da criança, também alerta que este fator não deve ser considerado necessariamente como um precedente para problemas psicológicos infantis:

“Um relato de caso por nós atendido sobre uma criança cujo comportamento inseguro parecia ser funcional para a manutenção do sistema de relações familiares, o qual se encontrava deteriorado (...). Julgou-se mais procedente trabalhar simultaneamente com a criança e com as relações conjugais de seus pais.

As colocações anteriores não devem veicular a idéia de assumirmos que toda criança com problemas psicológicos provenha necessariamente de um lar onde o conflito familiar é uma constante. (...). Por outro lado, não se pode ignorar a possibilidade de conflito marital quando se promove avaliação comportamental infantil, este deve receber a devida atenção. Assim, quando ocorrem de serem identificadas dificuldades de relacionamento nos pais de uma criança encaminhada para atendimento, estas dificuldades deverão ser vencidas, paralelamente, à superação das apresentadas pela criança a qual, por vezes com seu comportamento, tenta resolver a situação conflituosa de seus pais.” (pp. 137-138)

Deste modo, conclui-se que a existência de conflito conjugal em uma família deve ser visto como um fator que pode influenciar a ocorrência de problemas psicológicos em crianças e não como uma causa exclusiva de tais problemas.

O conceito de conflito

Straus (1979), citando outros autores (Adams, 1965; Coser, 1956; Dahrendorf, 1959, entre outros) afirma que os autores que estudam o tema conflito têm chegado ao consenso de que o conflito é uma parte inevitável de toda interação humana.

A autora afirma que embora a maioria das pessoas tema os conflitos e tente evitá-los, essa não é a melhor opção, já que o conflito suprimido pode levar à hostilidade. Além disso, ela menciona que alguns dos estudiosos do tema, estudam o conflito com o objetivo de descobrir como ele ocorre para capacitar pessoas para saberem como evitá-lo, o que na verdade não é o que as pessoas deveriam aprender a respeito do conflito. O mais importante, na visão da autora, seria capacitar as pessoas para lidarem com o conflito ou solucioná-lo de forma saudável.

Em seu artigo, Straus (1979) diferencia os termos conflito, conflito de interesses e hostilidade. Para ela, o conflito de interesses ocorre quando cada um dos membros de um grupo tenta realizar sua própria vontade, que inevitavelmente será diferente da vontade dos demais membros do grupo, pelo menos em algum momento. Neste caso, as diferenças de interesse podem ser pequenas como opiniões diferentes a respeito do canal de televisão que a família assistirá à noite ou maiores como as diferentes opiniões a respeito de como a família deverá investir seu dinheiro: aplicando em uma poupança ou pagando uma viagem para a família. Assim, a ausência deste tipo de conflito seria totalmente impossível, visto que naturalmente as pessoas terão opiniões e interesses diferentes a respeito das mesmas questões.

Já o termo conflito é utilizado pela autora para se referir à forma utilizada pelos indivíduos de um grupo para lidarem ou solucionarem o conflito de interesses. Ela exemplifica dizendo que famílias que vivem o conflito de interesses quanto ao canal de televisão que assistirão à noite poderão resolver esta questão de diferentes formas: enquanto uma pode decidir por fazer um revezamento (cada membro da família escolhe uma vez), outra poderá resolver a mesma situação por meio de ameaças e, outra, ainda, por meio da força física.

Concordando com Coser (1956), Straus (1979) utiliza o termo conflito para se referir aos comportamentos que uma pessoa emite com o objetivo de defender os próprios interesses ou as ações apresentadas por um indivíduo em resposta ao conflito de interesses.

A autora diferencia ainda o termo hostilidade dos outros dois conceitos apresentados anteriormente (conflito de interesses e conflito), afirmando que a hostilidade está relacionada a situação de impedimento, por algum motivo, da ocorrência do conflito ou simplesmente pela evitação do mesmo. Straus (1979) esclarece que, quando isso ocorre, nenhum dos indivíduos do grupo consegue obter aquilo que é importante para ele e a hostilidade surgiria então, a partir desta frustração, em forma de um conflito de interesses velado.

Assim, neste estudo, utilizaremos os conceitos apresentados por Straus (1979), buscando compreender os conflitos de interesse que ocorrem entre os casais e como os conflitos vivenciados por eles pode afetar o desenvolvimento de seu filho.

Conflitos de interesse entre casais

Garcia e Tassara (2003) buscaram identificar as origens dos conflitos de interesse conjugais. Estas autoras identificaram como suas possíveis causas o baixo envolvimento dos pais, comparados às mães, nas atividades realizadas em casa e com os filhos, o que gera diferenças nas informações e habilidades dos cônjuges em relação aos cuidados com os filhos e às rotinas domésticas, além de diferenças na carga de trabalho dos membros do casal e divergência na educação dos filhos.

No estudo realizado por estas autoras, foram entrevistadas 20 mulheres, casadas há mais de 15 anos, de classe média e alta da cidade de Vitória (ES). As entrevistadas apontaram que 54,2% dos problemas estavam relacionados à relação do casal e 23,4% a questões do casal com filhos e outros membros da família. Neste estudo, os problemas dos casais, relatados pelas entrevistas, estavam em geral relacionados a questões como: discordância a respeito de normas e regras do cotidiano familiar, o tipo de relação que o casal mantinha, o poder de decisão de cada cônjuge, divergências a respeito da educação dos filhos e de que estilo adotar (autoritário ou democrático).

Além dos problemas interpessoais familiares, outros problemas (22,4%) encontrados por Garcia e Tassara (2003) foram decorrentes do trabalho de um ou ambos os cônjuges ou resultantes de problemas financeiros. Quanto ao trabalho, os principais pontos mencionados foram: a) a diminuição do tempo disponível para o relacionamento do casal, na

medida em que cada um dos cônjuges deve atender a demanda proveniente de seu ambiente de trabalho e b) o destaque profissional maior ou menor alcançado por cada um dos cônjuges.

A dupla jornada de trabalho das mulheres

Os papéis de homens e mulheres, que antes eram claramente definidos em função do gênero, passam por grandes alterações. Se outrora o homem era visto como o provedor dos recursos financeiros, enquanto a mulher deveria se dedicar às atividades domésticas e relacionadas aos cuidados dos filhos, hoje os papéis parecem estar menos rígidos sofrendo, em alguns casos, inversões.

Segundo dados do último censo demográfico (IBGE, 2000), a Tabela 1490 intitulada “Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes por situação, sexo e grupos de idade”, no Brasil, 24,9% dos lares tem na mulher a maior referência familiar, em termos de suporte financeiro, atingindo principalmente as camadas menos favorecidas em nosso país.

Boarini (2003) descreve as mudanças que têm ocorrido na família brasileira. Nas palavras da autora: “Em nossos dias, pelo menos no Brasil, a necessidade tem levado a mulher a se introduzir no mercado de trabalho, o que lhe conferiu importante papel no provimento financeiro da família, não sendo raros os casos em que é a única provedora. (...)”.

(p.1)

A literatura aponta diversos ganhos importantes para as mulheres, em função de sua inserção no mercado de trabalho. Ocorre um maior investimento nos seus estudos e preparo profissional, aparece a possibilidade de independência financeira e seu envolvimento nesta esfera tão valorizada traz reconhecimento social e maior satisfação pessoal. A ampliação de seus conhecimentos, de sua gama de atividades e de seus contatos sociais conduz à formação de uma identidade profissional e proporcionam sentimentos de autonomia e utilidade. Assim, aumenta o senso de competência, o que melhora a auto-estima, trazendo benefícios para o desempenho nos papéis familiares (Diniz, 1999; Bystronski, Laçasse & Seibach, 1989).

No entanto, o quanto o impacto do trabalho remunerado é positivo depende, como no caso dos homens, da maneira como ela é tratada no seu emprego. Em alguns casos, os benefícios não são tão grandes para as mulheres quanto para os homens porque as

condições de trabalho para elas são significativamente piores do que para os homens. Elas recebem salários 66% menores, em média (Diniz, 1999), algumas são expostas ao assédio sexual no local de trabalho (Robbins, 2004) e quase todas lidam com uma carga de trabalho em casa significativamente maior do que a dos homens (Coltrane, 2000), diminuindo sua disponibilidade para assumir tarefas profissionais adicionais e para subir de cargo.

Além disso, a cultura brasileira ainda cobra um envolvimento intenso por parte das mulheres junto aos seus filhos e ainda apresenta o trabalho remunerado como uma “opção” ou uma “escolha”. Assim, outro fator que influencia no impacto do trabalho remunerado sobre as mulheres é seu desejo de assumir um emprego remunerado: a mulher que trabalha apenas em função de uma necessidade financeira, contra seu desejo, não aproveita os benefícios potenciais desta atividade (Gottlieb, Kelloway & Barham, 1998; Silveira & Barham, 2000).

Fleck e Wagner (2003) realizaram um estudo exploratório, analisando qualitativamente famílias de nível socioeconômico e cultural médio, em que as mulheres eram as principais colaboradoras para a renda familiar, contribuindo com cerca de 70% da renda, a partir de suas atividades profissionais. A conclusão das autoras quanto ao papel destas mulheres na vida familiar foi:

“Apesar de as mulheres saírem do âmbito do lar para trabalhar, mesmo antes do casamento, dedicando-se a sua carreira e contribuindo com a maior parte da renda, os homens não assumiam a responsabilidade pela esfera doméstica da mesma forma que as mulheres passaram a assumir a condição de principal provedora do sustento. Os esposos, nesses casos, auxiliavam nas tarefas relacionadas ao lar, mas não com a mesma responsabilidade feminina. A mulher ainda se sentia responsável por esses cuidados, necessitando conciliar, constantemente, as demandas das esferas pública e privada. Ao passo que o homem permitia-se buscar um espaço individual, não abdicando de seus momentos de lazer, a mulher sentia culpa e não se permitia abandonar, mesmo que temporariamente, seu papel predominantemente materno”. (p.37)

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, hoje em dia, as mulheres que trabalham fora tendem a se sentir mais capazes como mães, a gozar de melhor saúde física e mental e a ter casamentos mais felizes do que mulheres donas de casa (Bertolini, 2002; Diniz, 1999; Bystronski, Lassance & Seibach, 1989). Além disso, com a participação da mulher na população economicamente ativa, a renda familiar foi ampliada, o que permitiu melhorias nas condições de vida em relação à alimentação, ao

acesso a serviços de saúde e a possibilidade de deixar os filhos frequentarem a escola durante mais tempo (Bystronski, Lassance & Seibach, 1989). Assim, os ganhos financeiros associados ao trabalho remunerado das mães podem atenuar outros fatores de risco para o desenvolvimento infantil.

Também é importante lembrar que o maior envolvimento de mulheres, e especialmente de mães, no mercado de trabalho aconteceu em conjunção com outras mudanças, tais como: a) migração da maioria das famílias de zonas rurais para urbanas, impedindo o sustento da família com o cultivo de animais, hortas e pomares e facilitando o acesso de mulheres a uma gama de empregos novos; b) mecanização das indústrias, reduzindo a dependência do esforço físico no trabalho; c) a popularização dos argumentos do movimento feminino, encorajando as mulheres a seguirem seus interesses nos âmbitos políticos e profissionais; d) a introdução de métodos anticoncepcionais eficazes, levando a uma significativa redução na taxa de natalidade e conseqüente redução do período de demandas intensas familiares; e) o surgimento de serviços e equipamentos para reduzir o trabalho doméstico, tais como eletrodomésticos e comidas “prontas” e f) o surgimento de instituições responsáveis pelos cuidados de crianças pré-escolares, na ausência de familiares geograficamente próximos, com disposição e tempo para assumir esta responsabilidade. Ou seja, a permanência de mulheres no mercado de trabalho, após o casamento e após o nascimento dos seus filhos dependeu de muitas alterações que, por um lado, facilitaram seu acesso ao trabalho remunerado e, por outro lado, reduziram o tempo que precisavam dedicar aos cuidados com a casa e com os filhos. Apesar de todas estas modificações, a literatura continua apontando que as mães modernas precisam se esforçar muito mais do que os pais para lidar com demandas profissionais e familiares (Coltrane, 2000).

A dificuldade na divisão de tarefas domésticas e educativas

Embora pareça fácil compreender que a igual divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos entre os membros do casal deva acontecer naturalmente, a partir do momento em que a mulher ocupa uma posição no mercado de trabalho equivalente à do homem em atribuições profissionais e número de horas, pode-se observar que os papéis sociais culturalmente estabelecidos ainda predominam na maior parte das famílias.

Isto acontece, em parte, porque os homens não aumentam suas contribuições familiares conforme o trabalho familiar aumenta (Coltrane, 2000). Um casal sem filhos, com

ambos os parceiros trabalhando fora, costuma ter uma divisão relativamente igual do trabalho doméstico (Coltrane, 2000). Em outras fases da vida familiar, no entanto, a quantidade de trabalho é muito elevada. Filhos pequenos, que necessitam de ajuda com tarefas de autocuidados e supervisão constante, bem como familiares idosos e enfermos, com necessidades similares, geram muito trabalho extra na vida familiar e a maior parte desse trabalho adicional é assumida pelas mulheres.

O excesso de trabalho da mulher tem sido apontado como um dos fatores de risco para o desenvolvimento de um quadro de stress, que, além de prejudicar sua saúde física e emocional, traz como consequência dificuldades de relacionamento com seu cônjuge e seus filhos.

Outros dados do estudo realizado por Garcia e Tassara (2003) mostram que, das 20 mulheres entrevistadas, nenhuma descreveu uma condição de igualdade entre os cônjuges no processo de cuidar da casa e dos filhos. Apesar de as mulheres reivindicarem a ajuda de seus maridos, elas mesmas caracterizavam a participação de seus cônjuges como uma “colaboração”, sem expectativa de atribuir atividades de igual responsabilidade para os dois membros do casal. Percebe-se a forte influência de fatores culturais, ligados ao gênero, na atribuição de responsabilidades domésticas para maridos e mulheres, quando se depara com uma informação adicional: o fato de a mulher estar ou não inserida no mercado de trabalho não foi relacionado a este posicionamento.

Este resultado foi encontrado tanto em casais em que a mulher exercia uma atividade remunerada fora do lar como nos casos em que isso não acontecia. Neste estudo, as participantes não pareciam solicitar a participação do cônjuge em razão de uma mudança de concepção do papel da mulher ou da reivindicação de igualdade de direitos e deveres. A reivindicação da divisão de tarefas foi relatada apenas como consequência do cansaço decorrente da execução de diversas atividades pela mulher.

Em outros estudos brasileiros (Braz, Dessen & Silva, 2005; Gravena, 2006), os resultados também mostraram que as mães eram as principais responsáveis pelas atividades relativas ao cuidado dos filhos e pela execução das tarefas domésticas. Tanto no estudo de Braz e colaboradores, em que os filhos estavam em idade escolar, como no estudo de Gravena, em que as crianças tinham menos de dois anos de idade, as participantes relataram um intenso trabalho de cuidado com os filhos: dar comida e banho, trocar fraldas, levar e trazer da escola, orientar dever escolar, levar para atividades de lazer e colocar os filhos para dormir. Mesmo quando os dois genitores trabalhavam fora, o cuidado dos filhos ficava sob a responsabilidade das mães, embora, parte delas (27% no estudo de Braz et. al. e 50% no estudo de Gravena)

recorressem à ajuda de parentes da criança e aos serviços de empregadas domésticas (21% no estudo de Braz et al. e 25% no estudo de Gravena).

Nestes estudos, além das atividades de cuidado com os filhos, as participantes também relataram maior engajamento que seus maridos em relação aos afazeres domésticos como arrumar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas, fazer compras e orientar empregada doméstica. As atividades mais realizadas pelos pais foram levar as crianças para atividades de lazer e fazer compras. As tarefas domésticas, porém, representam só uma parte do trabalho familiar.

A divisão de tarefas educativas junto aos filhos, que também exigem tempo e esforço, foi estudada por Wagner, Predebon, Mosmann e Verza (2005). Foram participantes deste estudo 100 famílias, com filhos com idade entre 7 e 12 anos. As famílias participantes eram “íntactas”, ou seja, os pais viviam juntos e com a criança. Dos participantes, 90% dos homens e 69% das mulheres trabalhavam fora. Os homens apresentavam maior participação financeira no lar, maior nível de escolaridade e passavam menos horas com seus filhos que as mulheres. Os entrevistados estavam de acordo quanto à satisfação da relação conjugal e sua importância no desempenho de suas tarefas educativas.

Neste estudo, as autoras investigaram a participação de homens e mulheres em oito tarefas educativas e concluíram que em seis delas (disciplina, suporte afetivo, educação básica em termos de higiene, compromisso com a escola e o sustento econômico) havia consenso entre o casal quanto à divisão relativamente igual de responsabilidade. Entretanto, as atividades de nutrição e acompanhamento do cotidiano dos filhos (tarefas escolares) estavam designadas exclusivamente para a mãe.

Considerando os achados dos vários estudos sobre a participação dos dois membros do casal no mercado de trabalho e a divisão de responsabilidades familiares, percebe-se que, apesar dos importantes benefícios, existe uma sobrecarga de demandas sobre o tempo destes casais, sobretudo das mulheres, principalmente quando existem muitas demandas para cuidar dos filhos. As mulheres acabam assumindo uma parte maior do trabalho no lar, o que parece gerar cansaço e insatisfação na relação conjugal, provocando conflitos e ressentimentos na relação com seu cônjuge.

Conflitos conjugais

Retomando o conceito de conflito utilizado por Straus (1979) de que conflito são as ações utilizadas pelos indivíduos em resposta ao conflito de interesses na tentativa de defender seus próprios interesses, veremos a seguir alguns estudos que abordaram a forma como os membros do casal se comportam na tentativa de defender seus próprios interesses.

No estudo de Garcia e Tassara (2003), as 20 mulheres entrevistadas mencionaram como problemas da relação do casal a falta de diálogo, que pode ser vista como uma tentativa de evitar o conflito, que pode levar à hostilidade entre os parceiros, além de relatarem também o “temperamento difícil do parceiro”. O “temperamento difícil do parceiro” foi traduzido pelas entrevistadas como reações de nervosismo, intolerância e distanciamento e sentimentos de ansiedade e raiva foram relatados por elas como experimentados nestas situações. Quanto à dificuldade de diálogo, as autoras encontraram as dificuldades de saber “o que comunicar” e saber “como comunicar”. Como consequência de não saber como agir, o comportamento de evitar a comunicação foi uma alternativa encontrada por algumas mulheres para minimizar a ocorrência dos conflitos conjugais. Além disso, elas relataram que o pouco tempo que o casal tem para conversar e para se entender e resolver problemas familiares, especialmente quando ambos trabalham fora, pode contribuir para a ocorrência dos comportamentos negativos no momento do conflito de interesses.

Para Caballo (2003) em uma relação entre duas pessoas, qualquer que seja o tipo de relação, as pessoas tendem a esforçar-se para maximizar as consequências positivas ou agradáveis e, ao mesmo tempo, reduzir ao máximo as consequências negativas ou desagradáveis. Assim, a relação de um casal é avaliada como satisfatória e mantida à medida que cada um dos cônjuges percebe que recebe mais consequências positivas que negativas de seu parceiro.

Outro conceito que o autor destaca como importante para as relações conjugais é o conceito de reciprocidade. Isso acontece quando um dos membros do casal agrada o outro, esperando que este também o agrade. Da mesma forma, quando um dos membros do casal pune seu companheiro, este tende a se relacionar com o primeiro de maneira a puni-lo também. Assim, a harmonia do casal, segundo este autor parece estar relacionada a comportamentos de ambos os cônjuges para agradar-se mutuamente. No entanto, em alguns momentos muitos casais não se relacionam desta forma, retirando o afeto da relação e punindo o comportamento do outro. Isso acontece porque embora a punição tenha a longo

prazo conseqüências negativas para a pessoa que pune, a curto prazo tem alta probabilidade de fazer com que o outro se comporte da forma que um dos membros do casal deseja.

Uma hipótese levantada por Caballo (2003) é que os conflitos conjugais prejudiciais ao casal decorrem da existência de déficits de habilidades sociais, por parte de um ou de ambos os membros do casal; especialmente quanto às habilidades de comunicação e solução de problemas.

De que forma os conflitos conjugais afetam o desenvolvimento infantil

Segundo Straus (1979), embora a ausência de conflito possa ser fatal para o bem-estar do grupo, ao mesmo tempo níveis muito altos de conflito podem gerar um alto nível de stress e/ou mudanças tão rápidas que o bem-estar do grupo pode ser afetado de forma adversa. Assim, os conflitos parentais passam a ser prejudiciais a relação do casal e conseqüentemente ao ambiente familiar no qual a criança está inserida, na medida em que deixa de se valer de estratégias saudáveis (como discutir calmamente a questão) para a resolução do conflito por meio de estratégias destrutivas como ameaças, agressão verbal ou agressão física da parte de um dos cônjuges ou de ambos.

Para melhor entender o impacto dos conflitos parentais, é preciso examinar em mais detalhes o que acontece nos momentos de conflito. Cummings, Goeke-Morey e Papp (2004) estudaram a relação entre conflito conjugal diário e a agressividade de crianças em uma amostra de 108 crianças na faixa etária de 8 a 16 anos. Participaram deste estudo as crianças e seus respectivos pais. Durante 15 dias, cada um dos pais registrou as táticas de conflito utilizadas por ele e por seu cônjuge durante cada interação de conflito vivida por eles e também os comportamentos emitidos pela criança quando ela estava presente na ocasião do conflito.

Neste estudo, os autores fizeram uma distinção entre táticas de conflito construtivas (discutir calmamente, usar o humor, apoiar, demonstrar afeição verbalmente e resolver problemas) e destrutivas (hostilizar o outro verbal e não-verbalmente, colocar-se na defensiva, afligir o outro fisicamente, ameaçar, perseguir, insultar, agredir o outro com um objeto, agredir o outro diretamente e isolar-se). Os resultados obtidos foram que alguns aspectos do conflito parental foram claramente relacionados à predição da agressão infantil: as táticas destrutivas utilizadas, os efeitos negativos que elas expressavam e o quanto o

assunto do conflito era ameaçador para a criança por envolvê-la ou por ameaçar a integridade de sua família. Estes autores concluíram que a exposição ao conflito conjugal implicou em um modelo para o desenvolvimento da agressividade infantil. As táticas destrutivas e emocionalmente negativas utilizadas pelos pais foram relacionadas com a mais alta probabilidade de emissão de respostas agressivas pela criança, enquanto que a exposição a comportamentos construtivos e emocionalmente positivos foi relacionada a uma baixa probabilidade de emissão de respostas agressivas pela criança. A resposta de agressividade imediata das crianças ao conflito conjugal também foi relacionada à emissão de comportamentos externalizantes pela criança em outros contextos.

O estudo de O'Brien, Bahadur, Gee, Balto e Erber (1997) fez uma avaliação mais abrangente da associação entre a manifestação de comportamentos internalizantes e externalizantes e a existência de conflito parental. Estes autores encontraram correlação positiva significativa entre a exposição da criança ao conflito parental e o desenvolvimento de comportamentos internalizantes pela criança, especialmente a depressão infantil.

Além disso, alguns dos estudos enfocando a influência do relacionamento conjugal conflituoso sobre os filhos do casal mostram que este age como um fator de risco associado ao consumo de drogas por adolescentes. Como exemplo, Tavares, Béria e Lima (2004) estudaram uma amostra de 2410 adolescentes entre 14 e 19 anos de idade de uma cidade do Rio Grande do Sul. Estes autores encontraram como resultados que o maior uso de drogas foi relatado por estudantes cujos pais tinham um relacionamento regular, ruim ou péssimo, em relação àqueles cujos pais mantinham um ótimo ou bom relacionamento.

Este estudo e o anterior mostram que os conflitos parentais podem ter impactos importantes sobre o desenvolvimento social de seus filhos, gerando conseqüências tanto para o desenvolvimento atual como para o desenvolvimento posterior, como nos casos de uso de drogas e depressão.

Alguns autores têm apresentado teorias com o objetivo de explicar como os conflitos conjugais se tornam fatores de risco para o desenvolvimento infantil, ou seja, como estes conflitos exercem impacto sobre as crianças, influenciando no aparecimento de comportamentos internalizantes e externalizantes.

Davies e Cummings (1994) propuseram um modelo baseado na segurança emocional para explicar a relação entre conflitos parentais e problemas de comportamento de crianças expostas a esta situação. Estes autores levantaram a hipótese de que crianças são afligidas pelo conflito parental porque sentem que ele ameaça tanto sua segurança pessoal quanto o seu relacionamento com seus cuidadores.

Estes autores explicam que a situação de conflito é altamente aversiva para as crianças, o que faz com que elas reajam emocionalmente e instrumentalmente com o objetivo de reduzir essa situação. Em consequência, os comportamentos que foram bem sucedidos em reduzir esta aflição serão mantidos e repetidos em situações futuras de exposição a conflitos, podendo se tornar reações automáticas e generalizadas para outros contextos, como no relacionamento com professores e pares. Desse modo, espera-se que a maior parte das crianças lide com este problema imitando estratégias usadas por seus próprios pais ou outras altamente aversivas para os pais, com um impacto imediato (por exemplo, gritando, xingando, batendo, chutando, mordendo etc.). Para estes autores, a exposição da criança a altos níveis de conflito parental coloca em perigo sua segurança emocional e aumenta cada vez mais o risco de que ela venha a desenvolver problemas de comportamento.

O'Brien et. al. (1997) fizeram uma revisão de alguns estudos prévios mostrando que, muitas vezes, a criança sente que ela é a fonte dos sentimentos negativos do casal. Ao mesmo tempo, os esforços sem sucesso que a criança faz para encerrar as situações de conflito produzem nela o sentimento de desamparo que pode levar à depressão infantil.

Além da influência direta que os conflitos conjugais parecem ter sobre o estado emocional da criança (sentimentos de culpa e inutilidade) e o desenvolvimento de comportamentos inadequados por parte da criança, a qualidade do relacionamento conjugal tem sido apontada na literatura como um fator de grande influência nos padrões de cuidado por parte do casal, para com os filhos e a consequente qualidade da relação entre pais e filhos.

Segundo alguns autores, quando os casamentos são saudáveis, os cônjuges proporcionam mais suporte um ao outro e, especialmente, existe mais apoio emocional dos pais às mães, o que favorece o desenvolvimento saudável dos filhos, ocorrendo o contrário quando as relações maritais são insatisfatórias (Belsky, 1981, 1984; Erel & Burman, 1995; Gottman, 1993, 1998; Gottman & Silver, 1999).

Um estudo brasileiro ilustra a percepção dos próprios pais em relação ao impacto dos conflitos conjugais nos filhos. Braz, Dessen e Silva (2005) estudaram a relação entre conflitos conjugais e práticas parentais em 14 famílias de classe média e baixa do Distrito Federal. Elas realizaram entrevistas com cada membro do casal, individualmente. Quanto à existência de brigas entre o casal, 79% das mulheres relataram a ocorrência de conflitos, mas apenas uma relatou haver violência física durante os conflitos.

Ainda neste estudo, a grande maioria dos participantes (86%) acreditava na influência das relações maritais no relacionamento com os filhos, tanto de forma direta, como indireta. As formas diretas de influência encontradas pelas autoras foram: a) as práticas

educativas dos pais com seus filhos (54%); b) a transmissão de amor e segurança aos filhos, quando a relação conjugal era boa (27%); c) o engajamento dos pais em atividades de educação e cuidado dos filhos, quando predominava o bom relacionamento conjugal (25%) e d) a transmissão de sentimentos negativos aos filhos, quando as relações conjugais eram ruins (18%). As autoras deste estudo consideraram a qualidade da relação conjugal (boa ou ruim) como uma variável moderadora, porque diminui ou eleva a frequência de conflitos, afetando a qualidade do relacionamento dos pais com os filhos:

“(…) quando o relacionamento do casal é bom, os cônjuges acreditam que o diálogo entre eles sobre aspectos do desenvolvimento e educação de filhos contribui para torná-los mães e pais mais tranquilos e adequados, melhorando, assim, a qualidade da relação parental (32%). Um relacionamento marital ruim favorece a emergência de discordâncias, principalmente quanto a aspectos do desenvolvimento e da educação dos filhos, o que causa estresse e irritação em mães e pais, piorando a qualidade da relação genitores-criança (7%). A maioria dos cônjuges de classe média e baixa concorda que o bom relacionamento conjugal transmite amor e segurança aos filhos e influencia diretamente as relações parentais, particularmente no que tange às práticas educativas (...)”p. (159)

Resultados similares, com uma amostra maior de famílias, foram obtidos por Fauchier e Margolin (2004). Eles estudaram a existência de afeição e de conflito no relacionamento conjugal e suas influências sobre o relacionamento dos pais com a criança. Foram coletados relatos das mães, dos pais e das crianças (na faixa etária de nove a dez anos de idade) em uma amostra de 87 famílias da comunidade. Os resultados mostraram correlação negativa entre a afeição e o conflito existente dentro dos relacionamentos conjugais. A maior parte dos relatos mostrou uma correlação positiva entre o conflito conjugal e conflito na relação dos pais com a criança, assim como também a afeição na relação conjugal foi correlacionada à afeição na relação com a criança.

Embora haja um grande corpo de pesquisa a respeito da relação entre exposição ao conflito entre adultos e as reações comportamentais e emocionais apresentadas por crianças, Ingoldsby, Shaw, Owens e Winslow (1999) afirmaram que a maior parte dos estudos realizados com este objetivo tem utilizado amostras relativamente pequenas de casais de classe média, com famílias de descendência caucasiana. Poucos estudos têm investigado a relação entre conflito familiar e problemas de desajustamento da criança com crianças em idade pré-escolar.

Outro importante ponto a ser considerado no relacionamento conjugal é a satisfação dos membros do casal com relação ao próprio relacionamento conjugal. Os estudos que verificam a associação entre o relacionamento conjugal e o desenvolvimento infantil parecem apontar que quando cada um dos membros do casal se sente satisfeito com o casamento e a incidência de conflitos entre o casal é baixa, o relacionamento conjugal parece funcionar como um fator de proteção para o desenvolvimento infantil. Ao contrário, quando o relacionamento do casal é permeado por discórdia e conflitos e a satisfação dos cônjuges quanto ao relacionamento é pequena, este relacionamento parece exercer o papel de fator de risco para o desenvolvimento infantil.

Braz, Dessen e Silva (2005) concluíram que o que parece sustentar um casamento satisfatório é a capacidade dos parceiros entrarem em acordo e cederem diante de situações conflituosas e, também, o fato de eles possuírem características em comum. Esses dados são coerentes com aqueles obtidos por Gottman (1993, 1998) e Gottman & Silver (1999).

A família vista como ambiente de proteção

Se, por um lado, existem fatores que podem ser considerados como de risco para o desenvolvimento, por outro lado, existem fatores que podem ser considerados de proteção para o mesmo. Nas palavras de Silveira, Silvaes e Marton (2003) temos que “os fatores de proteção, por outro lado, são recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto do risco.” (p. 60)

Segundo Dumka, Rosa, Michaels e Suh (1995), os fatores positivos do ambiente em que a criança vive podem funcionar como fatores de proteção. Melo, Silvaes e Conte (2004) afirmaram que os fatores de proteção para o desenvolvimento infantil, ou seja, os fatores que diminuem a susceptibilidade da criança aos fatores de risco são: a) relação positiva da criança com, pelo menos, um dos pais ou adulto; b) nível de coesão e afeto relativamente alto na família em relação aos episódios de discórdia e c) eventos positivos estáveis na família, como pais fazendo coisas de que a criança gosta regularmente.

Na mesma direção, Marturano (2004) salienta que as dificuldades apresentadas pelas crianças quanto ao desenvolvimento social parecem ser atenuadas com a presença de mecanismos de proteção associados ao suporte parental.

Assim, pode-se concluir que o ambiente familiar, que engloba tanto as características dos pais como as características do relacionamento entre eles, pode funcionar tanto como fator de risco como fator de proteção para o desenvolvimento social da criança.

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), “a aprendizagem de habilidades sociais se dá continuamente, durante toda a vida, permitindo que dificuldades ocasionais ou déficits possam ser superados” (p.50). No entanto, os mesmos autores afirmam que esforços voltados para a prevenção de comportamentos anti-sociais têm sido considerados importantes na literatura, principalmente por dois motivos: 1. estudos mostram que, quanto mais cedo as dificuldades interpessoais forem detectadas e trabalhadas, maior será a probabilidade de superação destas dificuldades (Loeber, 1991); e 2. o investimento relacionado à prevenção de dificuldades interpessoais (como programas de desenvolvimento interpessoal de crianças e suas famílias) é muito menor se comparado ao custo de programas ou tratamentos que tenham como objetivo corrigir ou minimizar dificuldades já existentes.

Em relação à intervenção preventiva com famílias de crianças que apresentam problemas de comportamento e baixo rendimento escolar, Ferreira e Marturano (2002) afirmaram que

“o atendimento a essas crianças não pode ficar circunscrito às questões escolares (...) há necessidade de implementar modalidades de intervenção preventiva que incluam o sistema familiar e focalizem as tarefas de desenvolvimento e os mecanismos de proteção e vulnerabilidade da fase escolar, no contexto das condições de vida e desenvolvimento dessa população”. (pp. 42)

Objetivos do estudo

No conteúdo exposto até o presente momento, foram apresentadas algumas características dos pais que podem exercer o papel de fatores de risco ou de proteção para o desenvolvimento social de crianças pequenas: baixa renda, baixa escolaridade, gravidez na adolescência, isolamento, alto grau de estresse, famílias monoparentais, doença psiquiátrica parental, história parental criminal e abuso de substâncias, alto grau de conflitos conjugais e depressão.

Considerando que as características familiares e do relacionamento conjugal podem exercer o papel de fator de risco ou de proteção para o desenvolvimento da criança e a

escassez de estudos brasileiros que tenham como objetivo a pesquisa com famílias de crianças pequenas, o objetivo geral deste estudo é investigar a relação entre as características dos pais, e da relação conjugal e o desempenho social de crianças pequenas, ou seja, como estas características podem favorecer ou estarem relacionadas de alguma forma ao desenvolvimento de problemas de comportamento ou ao atraso no desenvolvimento social desejado.

Utilizando a metodologia não-experimental, os objetivos específicos são de verificar e descrever as correlações entre o **desempenho social** das crianças e:

- a) as características sócio-econômicas do casal: classe social, idade dos pais, escolaridade dos pais, carga horária diária de trabalho dos pais;
- b) o repertório de habilidades sociais conjugais de cada membro do casal;
- c) a divisão das atividades domésticas entre o casal;
- d) o nível de stress atual, avaliado em cada membro do casal;
- e) o tempo dedicado pela mãe às atividades educativas, de cuidados e lazer para com a criança;
- f) uso de diferentes táticas de resolução de conflitos conjugais.

Considerando as características dos pais como parte do ambiente familiar no qual as crianças estão inseridas, a hipótese relacionada a estas variáveis seria a de que desde o desenvolvimento social inicial já seria possível observar diferenças no desenvolvimento social de crianças em que estas variáveis, consideradas como fatores de risco para o desenvolvimento social, estão presentes com maior frequência ou intensidade, se comparadas às crianças cujos pais não apresentam as mesmas características.

Considerando o relacionamento entre os pais, temos a alta frequência de conflitos conjugais como fator de risco e a coesão familiar como fator de proteção para o desenvolvimento social da criança. Além disso, a habilidade dos pais em lidar com as situações de conflito que possam surgir também pode ser considerada um fator de proteção, se considerarmos a falta de habilidade para lidar com estas situações como fator de risco. Assim, têm-se como a segunda hipótese deste estudo que crianças que vivem em um ambiente familiar cujos pais apresentem menor incidência de conflitos e maior habilidade para solucioná-los tendem a apresentar um desenvolvimento social mais próximo do esperado para sua faixa etária, já desde os primeiros anos de vida. Ao contrário, crianças que vivem em um ambiente no qual o conflito se apresenta como uma variável constante e/ou cujos pais não tenham habilidades para solucioná-los de forma adequada tendem a apresentar déficits em seu desenvolvimento social, desde os primeiros anos.

A respeito da influência da sobrecarga constante da mãe na realização de atividades domésticas e de cuidados com o filho, temos como a terceira hipótese deste estudo que os filhos de mães que estejam sobrecarregadas quanto ao tempo dedicado às atividades domésticas e às atividades de cuidados com os filhos, tendem a apresentar menos comportamentos sociais esperados para sua idade, quando comparados aos filhos de mães que não apresentam sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados com seus filhos.

MÉTODO

Participantes e local

Participaram deste estudo 27 casais e seu filho-alvo, com idade entre 15 e 26 meses, matriculado em uma creche para filhos de funcionárias de uma fábrica do setor industrial na cidade de Araraquara - SP.

Características das crianças

Foram avaliados 13 meninas e 14 meninos. Catorze destas crianças não possuíam irmãos, onze possuíam um irmão e duas possuíam dois irmãos.

Características dos pais

As mães variaram de idade entre 19 e 41 anos e os pais entre 21 e 43 anos (veja a Figura 1).

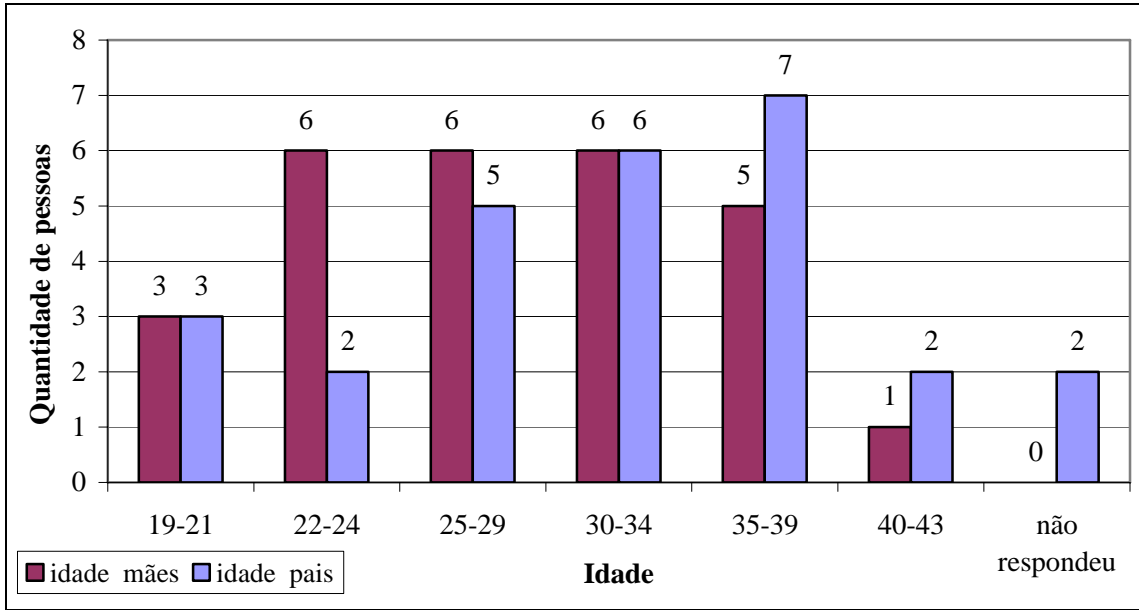


Figura 1 – Distribuição dos participantes pais, por sexo e faixa etária.

O grau de escolaridade das mães e dos pais foi concentrado no ensino médio completo (veja a Figura 2), compatível com o fato de pelo menos um dos pais trabalharem em uma indústria.

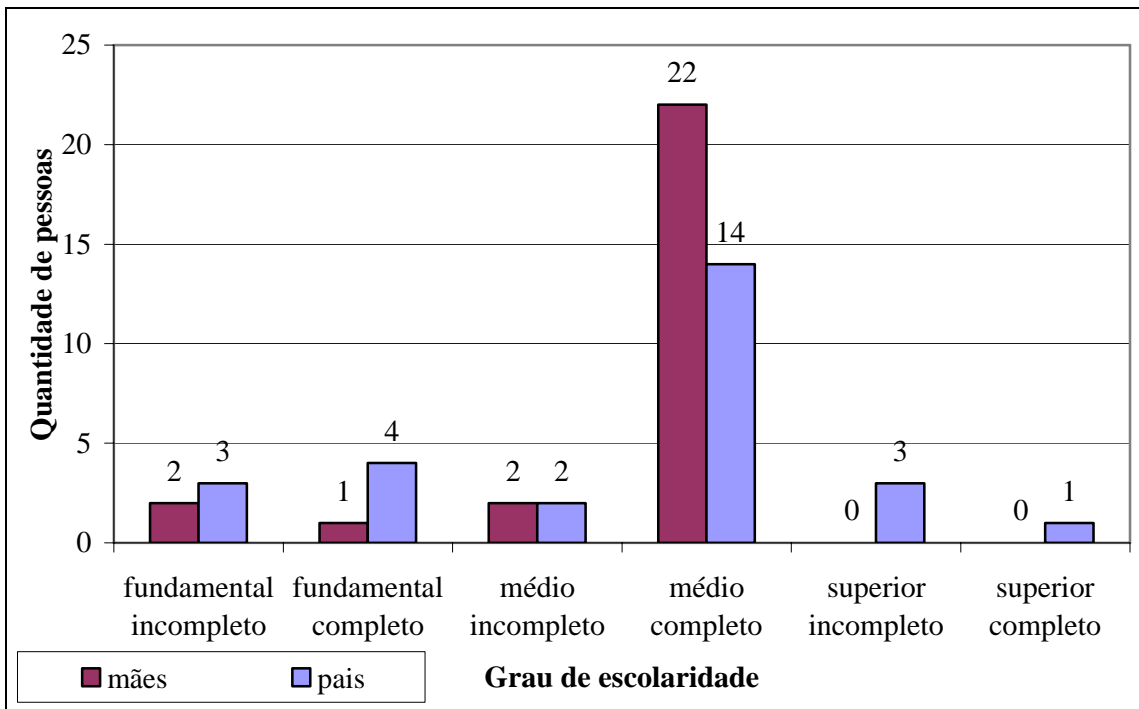


Figura 2 – Distribuição dos participantes, por grau de escolaridade e sexo.

Dos 27 casais, 17 estavam legalmente casados e 10 não, com tempo de vida conjunta variando entre 2 e 13 anos (veja a Figura 3).

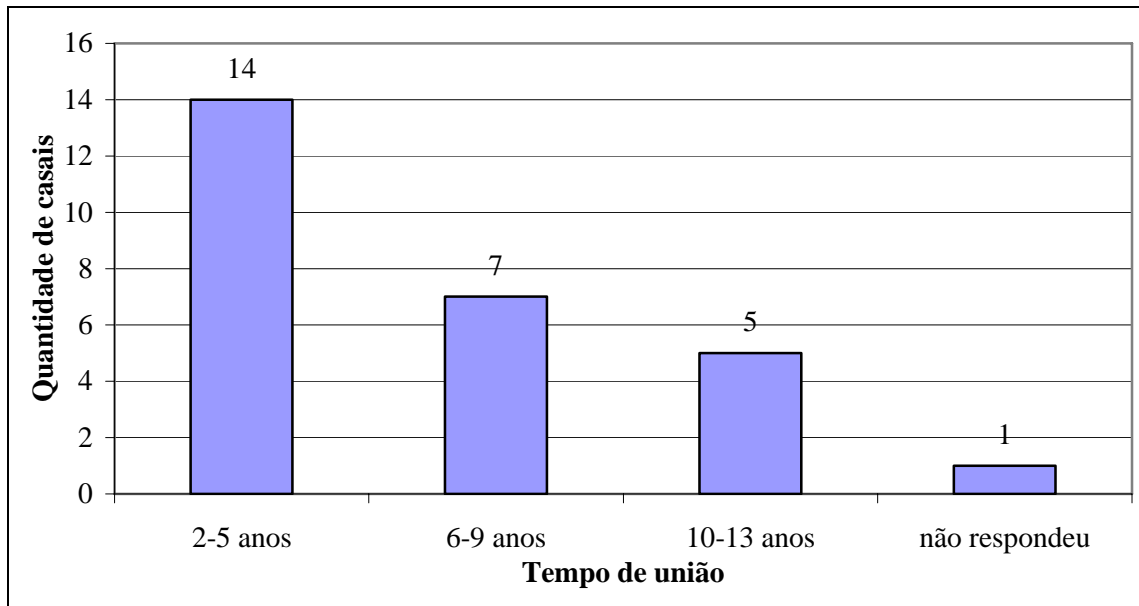


Figura 3 - Distribuição dos casais, por tempo de união.

Em relação à questão de poder aquisitivo (veja a Figura 4), as famílias estavam concentradas na classe social “C”, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (2003).

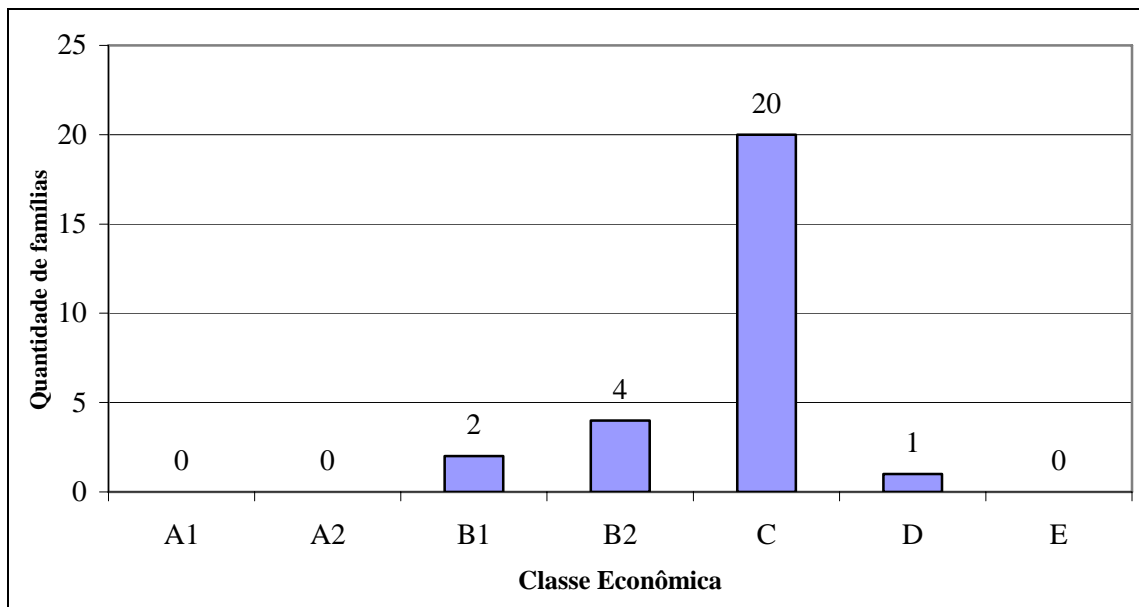


Figura 4 – Distribuição das famílias, por Classe Econômica.

Quanto ao horário de trabalho dos pais, percebe-se que houve apenas três horários diferentes para as mulheres, mas uma variedade maior para os homens (veja a Figura 5). Este resultado tende a comprometer a possibilidade de detectar uma correlação entre esta variável, por parte das mulheres, com outras variáveis.

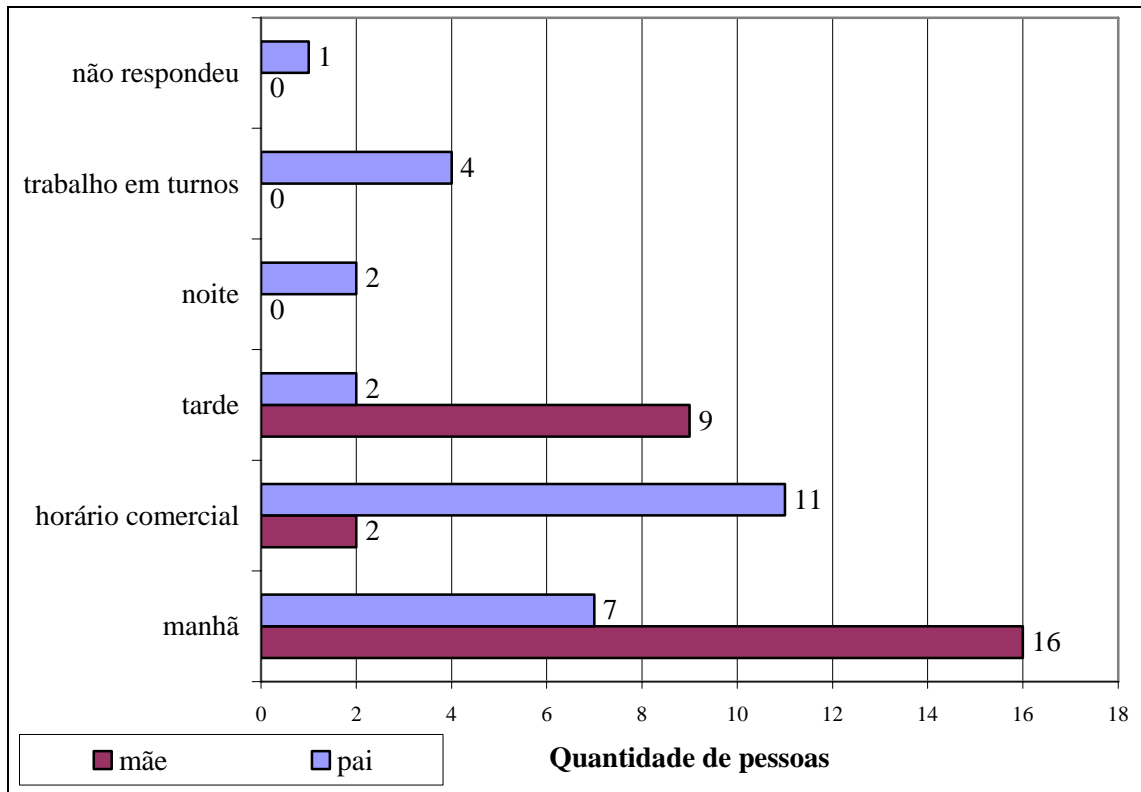


Figura 5 – Distribuição dos participantes por horário de trabalho e por sexo.

Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos:

Instrumentos respondidos pelos pais

1. Questionário de características familiares.

Este questionário (Anexo 1) foi utilizado para o levantamento de algumas características:

- *dos pais*: idade, grau de instrução, profissão, carga diária de trabalho fora do ambiente familiar, classe econômica, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil (2003);

- *do relacionamento entre os pais*: tempo de união, a satisfação com o relacionamento conjugal, a divisão entre os cônjuges das tarefas domésticas e de cuidados com o filho;
- *do relacionamento das mães com o filho*: o tempo que a mãe dedica às práticas educativas do filho e às atividades de lazer.

2. Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (Villa, 2002)

O Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC – Anexo 2) é baseado no Inventário de Habilidades Sociais (IHS) construído por Del Prette e Del Prette (2001), validado em uma amostra de estudantes universitários. Este instrumento apresenta características psicométricas satisfatórias (Del Prette, Del Prette & Barreto, 1998).

O IHS é composto por 38 itens e cada item apresenta uma situação interpessoal e uma resposta comportamental a esta situação. Para responder ao instrumento, o respondente deve fazer uma estimativa da frequência em que se comportaria da forma apresentada no item, diante da situação descrita. Esta frequência é anotada em uma escala de cinco pontos, do tipo *Likert*, que varia de “nunca ou raramente” a “sempre ou quase sempre”..

O instrumento proposto por Villa (2002) é uma adaptação do IHS para o contexto do relacionamento conjugal. Assim, a autora reformulou algumas das situações interpessoais para torná-las mais propícias ao relacionamento conjugal. Além disso, suprimiu algumas habilidades do instrumento original, por julgá-las dispensáveis na situação de relacionamento conjugal como, por exemplo, a habilidade de falar em público. Por este motivo, o instrumento proposto por Villa (2002) é composto por 31 itens e não 38, como o instrumento do qual foi originado. Alguns itens foram formulados com um “fraseado negativo”, nos quais a pontuação mais alta define atitudes menos habilidosas socialmente. Assim, deve-se inverter a pontuação de tais itens para o cálculo do escore final de habilidades sociais conjugais do respondente.

No estudo realizado por Villa (2002), o IHSC foi utilizado para realizar uma comparação das habilidades sociais conjugais entre grupos de casais de diferentes filiações religiosas.

3. Descrição de Situações de Conflito

A Descrição de Situações de Conflito (Anexo 3), desenvolvida pela autora deste trabalho com base na Escala de Táticas de Conflito (Straus, 1979 – Anexo 4), tem como objetivo registrar a satisfação com o relacionamento conjugal, os motivos mais frequentes de conflito entre o casal e os comportamentos apresentados pelo respondente e por seu cônjuge diante de situações de conflito.

Para descrever as situações de conflito, foi utilizado o checklist de Straus (1979), com tradução da autora deste trabalho. São 19 itens: cada item descreve uma possibilidade de reação (tática de enfrentamento de conflito) a uma situação de conflito conjugal. Para preencher este instrumento, o participante deve recordar situações de conflito conjugal experimentadas por ele e assinalar a frequência com que ele utiliza estas táticas de enfrentamento de conflito na primeira parte e, na segunda parte, assinalar a frequência com que seu parceiro utiliza as mesmas táticas de conflito. A escala de frequência segue o formato Likert, variando de “nunca ou raramente” a “sempre ou quase sempre”.

Para pontuar as respostas para este instrumento foi utilizada a escala de pontos a seguir:

- 0,5 – nunca ou raramente;
- 2,5 – com pouca frequência;
- 5,0 – com regular frequência,
- 7,5 – muito frequentemente
- 9,5 – sempre ou quase sempre.

4. Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL – Lipp, 2000)

O ISSL é um instrumento de avaliação do nível de stress experimentado pela pessoa, no momento da avaliação. O instrumento é composto por três partes: na primeira o respondente deve assinalar os sintomas experimentados por ele nas última 24 horas; na segunda, os sintomas experimentados por ele na última semana e na terceira, os sintomas experimentados por ele no último mês. Por meio da pontuação obtida, é possível classificar o

respondente em um dos quatro níveis de stress: alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão. Além disso, o instrumento permite identificar se o stress experimentado pela pessoa está relacionado mais fortemente a sintomas físicos ou psicológicos.

Este instrumento está padronizado para a população brasileira. O instrumento foi construído para a população adulta e considera como adultas pessoas com idade a partir de 15 anos.

Para efeito deste estudo, este instrumento foi adicionado ao instrumento anterior (Anexo 3), com o objetivo de minimizar a quantidade de instrumentos enviados aos pais e assim, aumentar as chances de que os respondentes devolvessem todos os instrumentos a eles enviados. À divisão do instrumento que continha o ISSL foi dado o nome “Avaliação de sua saúde” para posicionar o respondente quanto ao objetivo de análise de suas respostas.

Neste estudo este instrumento não foi utilizado para avaliar o stress experimentado por pais e mães, mas para identificar a quantidade de sintomas físicos e psicológicos experimentados por eles e para efeito de comparação destas quantidades por meio de correlações com outras variáveis do estudo como carga de trabalho diária fora de casa, por exemplo.

Medidas das crianças

- O Inventário Portage Operacionalizado (Williams & Aiello, 2001)

O Inventário Portage Operacionalizado é um instrumento de avaliação sistemática de cinco áreas do desenvolvimento: desenvolvimento motor, cognição, linguagem, socialização e auto-cuidados de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos e uma sexta área – estimulação infantil – específica para bebês. Em acordo com os objetivos deste estudo, foram utilizados apenas os 15 itens da área de socialização destinados às crianças de 1 a 2 anos (Anexo 5), para avaliar seu desenvolvimento social.

A definição de socialização apresentada neste instrumento refere-se às “habilidades relevantes na interação com as pessoas.” (p.5)

Os itens deste instrumento foram elaborados com base em padrões normais de desenvolvimento, mas as autoras alertam que mesmo assim, é provável que nenhuma criança

considerada com desenvolvimento normal siga com exatidão a seqüência proposta. Assim, não é necessário que a pessoa que utiliza o instrumento siga a seqüência exata de comportamentos apresentada, mas pode ficar livre para alterar a seqüência de comportamentos, de acordo com as necessidades da criança avaliada.

Para realizar a avaliação da criança, as autoras recomendam que a observação seja iniciada pelos itens que compõem uma faixa etária anterior a faixa etária em que a criança se encontra. Assim, para avaliar crianças na faixa etária de 1 a 2 anos, deve-se iniciar a avaliação pelos itens destinados à faixa etária de 0 a 1 ano e avançar posteriormente para a faixa etária na qual a criança se encontra. Este procedimento foi utilizado nesta pesquisa, mas para a análise dos dados optou-se em utilizar apenas os itens referentes à faixa etária de 1 a 2 anos.

Outra adaptação realizada na utilização deste instrumento foi quanto ao encerramento da avaliação de cada criança, visto que a orientação das autoras é de que a avaliação de uma área do desenvolvimento seja encerrada apenas quando a criança apresentar quinze respostas consecutivas incorretas, o que implicaria em continuar avaliando a criança nos itens pertencentes às próximas faixas etárias (2 a 3 anos, 3 a 4 anos) até que isto ocorresse. Considerando os objetivos desta pesquisa, a pesquisadora concluiu a avaliação de cada criança no último item da área de socialização para a faixa etária de 1 a 2 anos.

Além da seqüência de comportamentos a serem avaliados, o instrumento apresenta também um modelo de folha de registro para ser utilizada durante a avaliação das crianças. Nesta folha, o avaliador deve assinalar os comportamentos apresentados e calcular a porcentagem de comportamentos apresentados em relação ao total de comportamentos esperados para a faixa etária em questão. Assim, é possível obter um percentual do desenvolvimento alcançado pela criança até o momento, considerando uma determinada faixa etária.

Procedimento

Procedimentos preliminares e cuidados éticos

A pesquisadora visitou a creche para esclarecer os objetivos da pesquisa e pedir autorização para a realização da mesma. Concedida a autorização pela creche, a pesquisadora realizou um levantamento dos alunos que estavam na faixa etária de um a dois anos. A pesquisadora realizou uma reunião com as mães dessas crianças, com o objetivo de esclarecer os objetivos gerais da pesquisa e solicitar sua colaboração. Nesta primeira reunião, a pesquisadora apresentou o “*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*” (Anexo 6) e pediu às mães que tiverem disponibilidade para participar da pesquisa que o assinassem, após o esclarecimento de dúvidas pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar e sua realização foi aprovada (Anexo 7).

Coleta de dados

A coleta de dados com os pais e com as crianças ocorreu simultaneamente.

Para a coleta de dados com os pais, a pesquisadora enviou cada um dos instrumentos em envelopes individuais, colocados na mochila de cada criança, acompanhados de um bilhete explicativo sobre a forma de realizar o preenchimento dos mesmos. Além disso, em todos os bilhetes a pesquisadora mencionava seu contato, colocando-se à disposição dos participantes para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que pudessem surgir durante o preenchimento dos instrumentos. Para facilitar o preenchimento dos instrumentos e não sobrecarregar os participantes, a pesquisadora optou por enviar um instrumento de cada vez, respeitando o tempo de preenchimento dos participantes. Assim, a pesquisadora enviava um novo instrumento para os pais somente após a devolução do instrumento enviado anteriormente e a constatação de que este estava devidamente preenchido.

A coleta de dados com as crianças ocorreu durante o horário em que elas estavam na creche, respeitando o horário normal de permanência das mesmas neste local e a

rotina a que elas eram submetidas (higiene, alimentação, lazer), sem alteração da pesquisadora na seqüência ou andamento das atividades. Durante as atividades educativas e de lazer, a pesquisadora introduzia os elementos necessários para a avaliação das crianças, além de observá-las em atividades de sua rotina.

Embora as autoras do Inventário Portage Operacionalizado orientem a respeito da importância de que a avaliação seja conduzida por uma pessoa próxima à criança como um dos pais ou um professor no papel de mediador, a pesquisadora intercalou momentos em que a berçarista da creche atuou como mediadora e momentos nos quais a própria pesquisadora realizou as orientações necessárias junto à criança para sua avaliação. Para tanto, a pesquisadora tomou o cuidado de permanecer com as crianças durante algum tempo, participando de atividades de sua rotina como dos momentos de lazer e alimentação para que elas se familiarizassem com a pesquisadora antes da avaliação e conseguissem se comportar e interagir naturalmente com a pesquisadora durante a avaliação.

Para o esclarecimento de dúvidas a respeito do comportamento das crianças, a pesquisadora teve acesso às agendas das crianças, nas quais as berçaristas registravam mensalmente o desenvolvimento das crianças e também pôde consultar as próprias berçaristas sobre a ocorrência ou ausência de um determinado comportamento no repertório das crianças. Considerando que estas informações foram utilizadas apenas para o esclarecimento de dúvidas por parte da pesquisadora, é importante destacar que toda a avaliação foi realizada com base nos registros de observação da própria pesquisadora.

Análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos a testes de correlação estatística de Pearson com o objetivo de avaliar a existência de correlação entre o desempenho social das crianças e:

- as características sócio-econômicas do casal: classe social, idade dos pais, escolaridade dos pais, carga horária diária de trabalho dos pais.
- o repertório de habilidades sociais conjugais de cada membro do casal;
- a divisão das atividades domésticas entre o casal;
- o nível de stress atual, avaliado em cada membro do casal;

- o tempo dedicado pela mãe às atividades educativas, de cuidados e lazer para com a criança;
- uso de diferentes táticas de resolução de conflitos conjugais.

RESULTADOS

No início dos resultados, apresentam-se informações descritivas sobre as variáveis de interesse. Portanto, tendo em vista que alguns dos dados sócio-demográficos já foram apresentados no método (classe econômica, idade dos pais, escolaridade dos pais), estes dados não serão repetidos aqui. Em seguida, apresentam-se as correlações entre as variáveis de interesse (ligadas aos pais) e a medida de desempenho social por parte das crianças.

I. Dados descritivos

A carga horária diária de trabalho fora de casa das mulheres incluídas nesta amostra foi de oito horas por dia para 26 das participantes e sete horas por dia para uma participante (veja a Figura 6). Desta forma, em função do truncamento do leque de variações envolvendo esta variável, ela não poderá apresentar correlações significativas com outras variáveis.

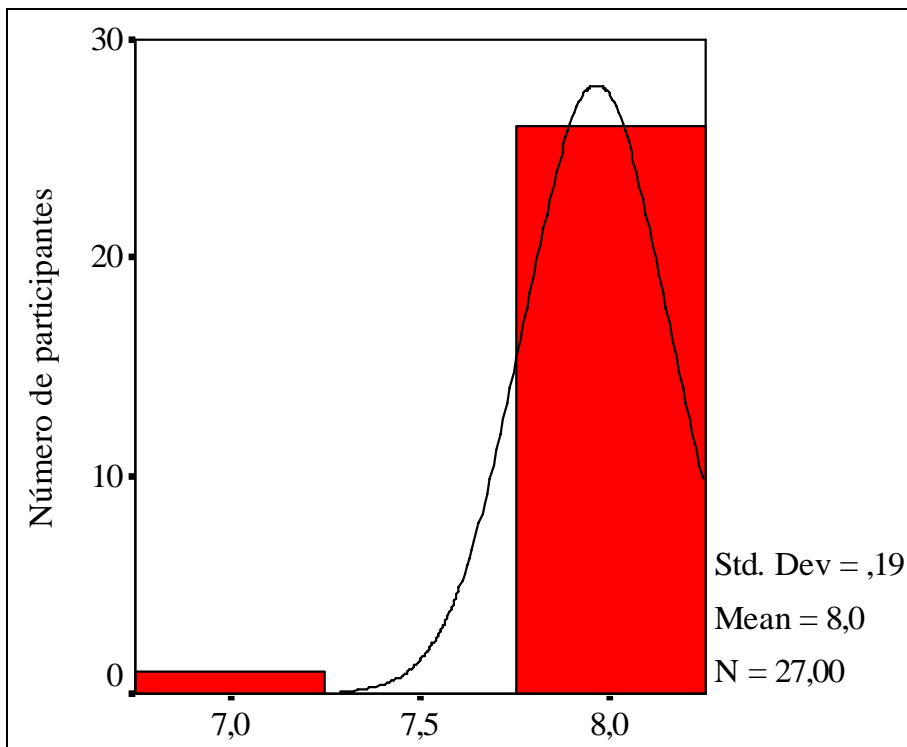


Figura 6 - Número de horas dedicadas por dia ao trabalho fora de casa, pelas mulheres

A carga horária diária de trabalho fora de casa dos homens incluídos nesta amostra variou entre oito e quinze horas por dia (veja a Figura 7). Embora a distribuição nesta variável para esta amostra seja concentrada em poucos valores (assimetria positiva), ela poderia apresentar uma correlação fraca, mas significativa com outras variáveis. Esta variável apresentou N-26 devido a ausência de resposta de um dos participantes.

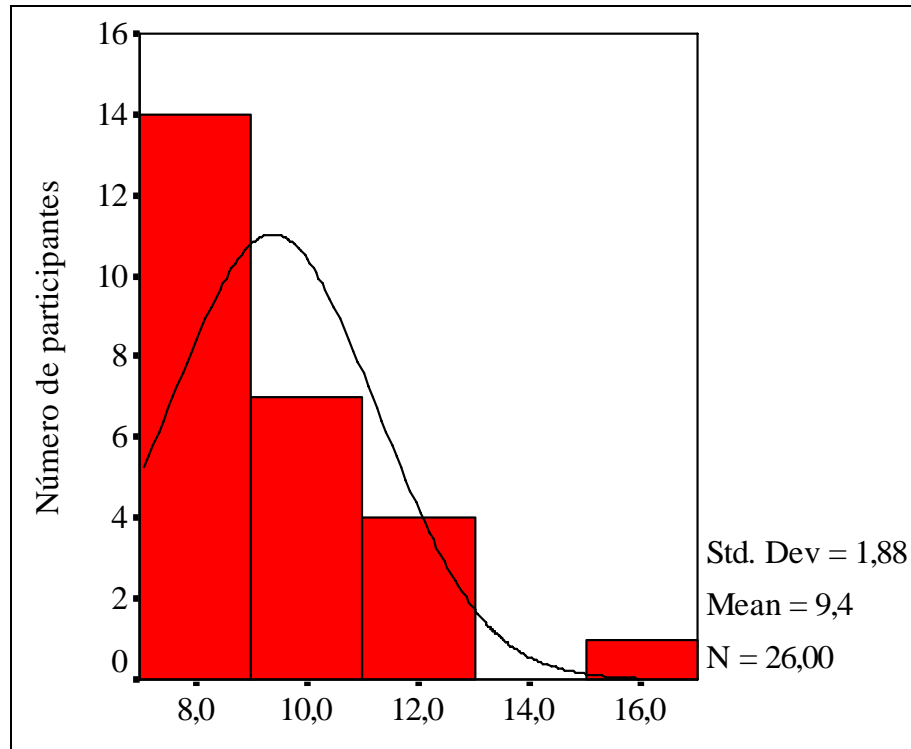


Figura 7 - Número de horas dedicadas por dia ao trabalho fora de casa, pelos homens.

Tempo dedicado pelas mães e pelos pais às atividades domésticas

A Tabela 1 mostra que, embora o número de horas trabalhadas pela mulher em casa seja maior que o número de horas trabalhadas pelos homens em casa, nos dias de descanso ambos parecem duplicar o tempo que se dedicam a estas atividades.

Tabela 1 – Média de horas dedicadas pelas mães e pelos pais às atividades domésticas, nos dias de trabalho e nos dias de folga.

Média de horas diárias dedicadas às atividades domésticas		
	dias trabalhados	dias de folga
mães	3,23	6,44
pais	1	2,65

Das 27 mães que participaram desta pesquisa, 18 (66,6%) relataram ter alguém que as ajudam a realizar as atividades domésticas. Destas, 17 mencionaram o marido como pelo menos uma das pessoas que as ajudam. Também foram mencionadas outras pessoas da família como fonte de ajuda como mãe, filhas e enteada.

Tempo dedicado pelas mães às atividades com o filho

A Tabela 2 mostra o tempo relatado pelas mães quanto à sua dedicação diária às atividades de cuidados, educativas e de lazer para com seus filhos. Como é esperado para esta faixa etária, as atividades de cuidados (dar banho, trocar fraldas, dar comida e colocar para dormir) ocupam boa parte do tempo que as mães dedicam aos seus filhos, pois estes são ainda bastante dependentes para estas atividades.

Em segundo lugar, as mães relataram dedicar mais tempo às atividades educativas (consideradas neste estudo como ler uma história ou ensinar algo novo) e em terceiro lugar, apareceram as atividades de lazer. Neste estudo, os exemplos utilizados para atividades de lazer foram brincar com a criança e/ou levar a criança para que ela brinque em algum lugar como uma praça, um parque ou um clube.

Ao analisar as horas dedicadas pelas mães aos filhos nos dias de folga, percebe-se que todas as atividades de dedicação aos filhos aumentaram em número de horas se compararmos ao número de horas dedicadas pelas mães às mesmas atividades nos dias trabalhados. Este dado parece mostrar a preocupação das mães em dedicar também tempo a atividades educativas e de lazer com os filhos, além das atividades básicas de cuidados.

Tabela 2 – Média de horas dedicadas pelas mães às atividades educativas, de cuidados e de lazer com os filhos, nos dias de trabalho e nos dias de folga.

	Média de horas dedicadas pelas mães	
	dias trabalhados	dias de folga
cuidados	4,14	6,42
educativas	2,47	3,95
lazer	1,42	3,86

Repertório de habilidades sociais conjugais dos pais

Houve uma variação considerável em relação às habilidades sociais conjugais dos participantes (veja a Figura 8 e Figura 9). Os escores variaram de 46 a 107 pontos, entre as mães, e de 46 a 104 pontos, entre os pais, mas a diferença nas pontuações atribuídas pelas mães e pelos pais não foi estatisticamente significativa ($p > 0,05$). Considerando que o valor máximo que o instrumento pode registrar é 124 pontos, as pontuações obtidas estavam concentradas em valores médios e médio-altos.

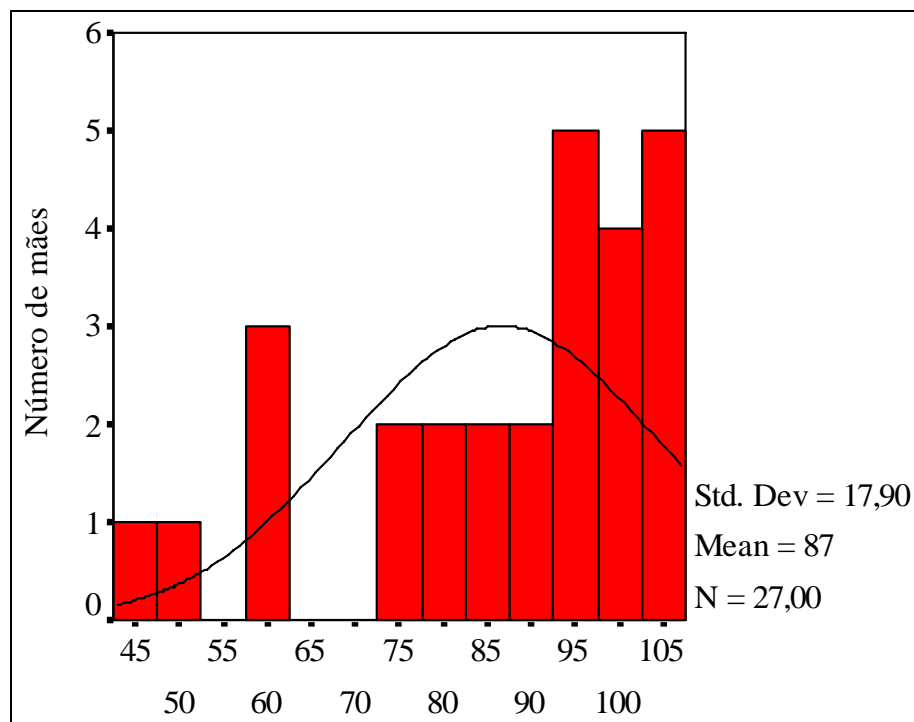


Figura 8 – Distribuição dos escores no Inventário de Habilidades Sociais Conjugais – mães

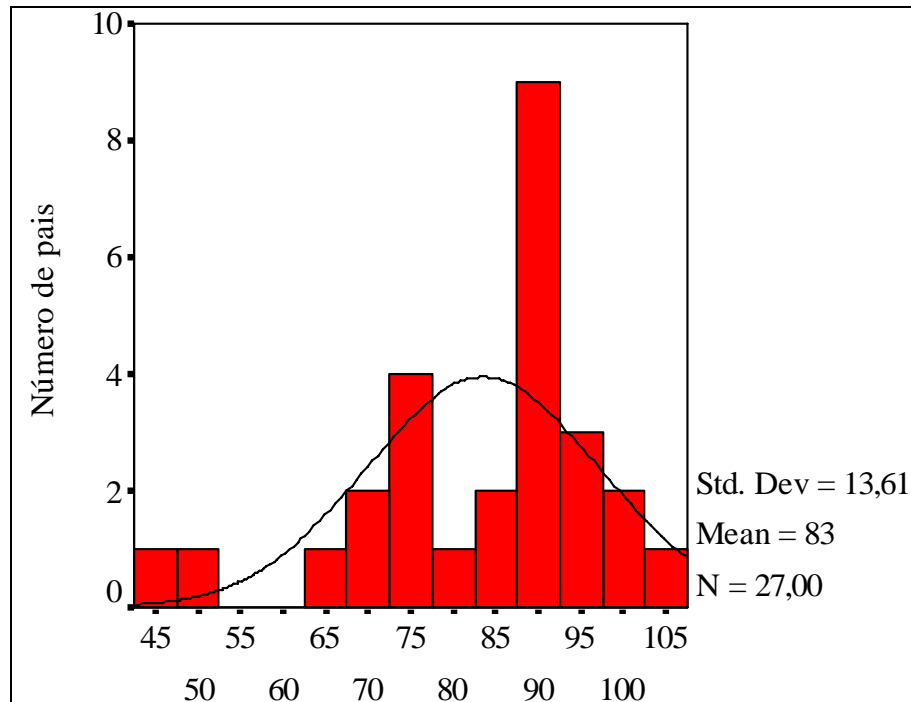


Figura 9 – Distribuição dos escores no Inventário de Habilidades Sociais Conjugais – pais

Sintomas de stress apresentados pelos pais

Na presente pesquisa, os objetivos não incluíram a questão de diagnosticar casos de stress alto, mas sim, de captar variações no número de sintomas físicos e psicológicos de stress sinalizados pelos participantes (veja as Figuras 10 a 13). A maioria dos participantes sinalizou poucos sintomas físicos ou psicológicos de stress, mas houve pontuações diversas, incluindo algumas pessoas com stress alto. Em relação ao compromisso ético com os respondentes, aqueles com níveis de stress que representam uma ameaça a sua saúde foram alertados sobre este problema, aconselhando estes indivíduos a examinarem as demandas presentes em suas vidas, de preferência com a assessoria de um Psicólogo, com o objetivo de reduzir seu stress a níveis não perigosos.

A distribuição dos sintomas físicos e psicológicos apresentados pelas mães pode ser observada na Figura 10 e Figura 11, apresentadas a seguir:

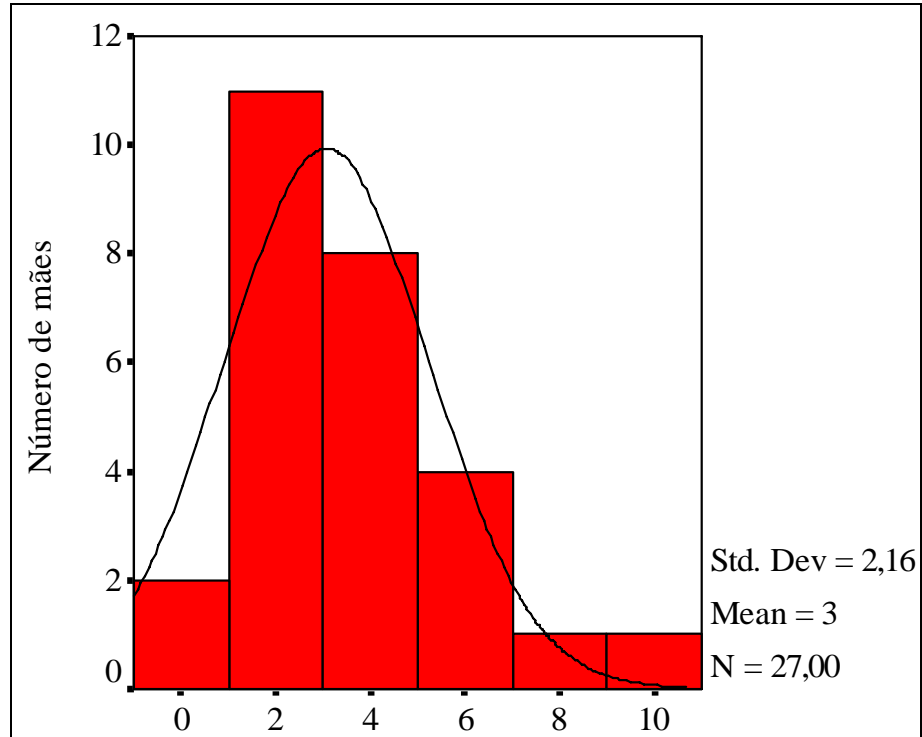


Figura 10 – Distribuição do número de sintomas físicos de stress – mães

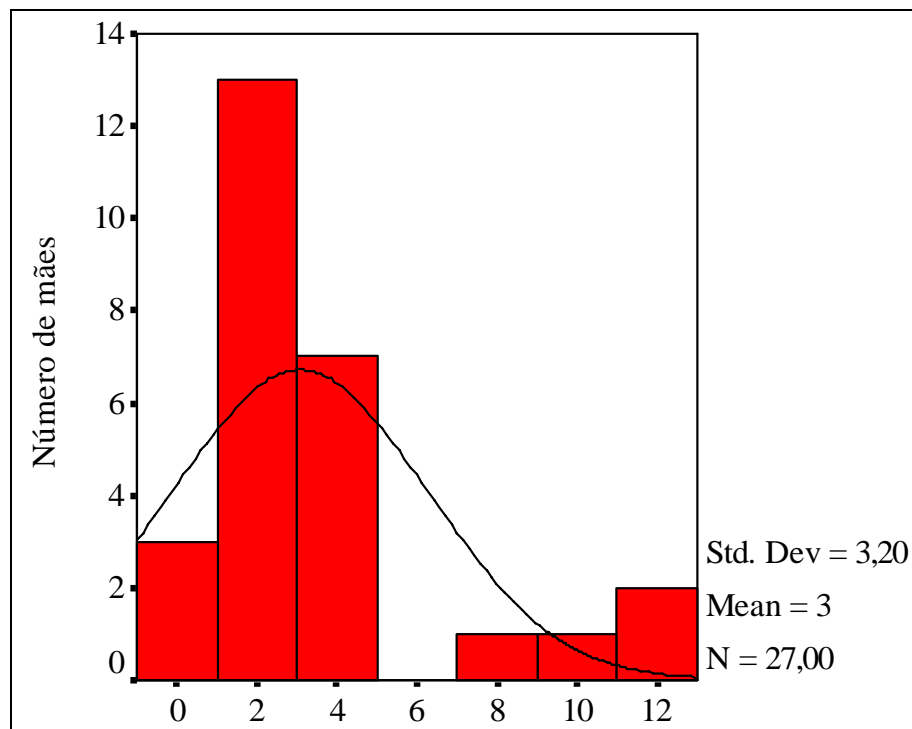


Figura 11 – Distribuição do número de sintomas psicológicos de stress – mães.

Entre as mães, o número de sintomas de stress físico variou de 0 a 9, sendo que a maior parte delas apresentou até 3 sintomas (66,6%). A média de sintomas físicos

apresentados pelas mães foi de 3 sintomas. Das 27 participantes, apenas 4 apresentaram mais que 5 sintomas físicos, sendo que destas, duas apresentaram 6 sintomas, uma apresentou 7 sintomas e uma apresentou 9 sintomas, como mostra a Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 - Sintomas de stress físico apresentados pelas mães.

Sintomas de Stress Físico mães		
Número de sintomas	Quantidade de mães	Porcentagem (%)
0	2	7,4
1	4	14,8
2	7	25,9
3	5	18,5
4	3	11,1
5	2	7,4
6	2	7,4
7	1	3,7
8	0	0,0
9	1	3,7
Total	27	100,0

Em relação aos sintomas psicológicos apresentados pelas mães (veja a Tabela 4), a média de sintomas também foi igual a 3, mas houve uma variação maior, com duas mães apresentando 11 sintomas e uma mãe apresentando 10 sintomas. Mesmo assim, a maior concentração de participantes apresentou até 4 sintomas (85,1%).

Tabela 4 - Sintomas de stress psicológico apresentados pelas mães.

Sintomas de Stress Psicológico mães		
Número de sintomas	Quantidade de mães	Porcentagem (%)
0	3	11,1
1	7	25,9
2	6	22,2
3	4	14,8
4	3	11,1
5	0	0,0
6	0	0,0
7	0	0,0
8	1	3,7
9	0	0,0
10	1	3,7
11	2	7,4
Total	27	100,0

A Figura 12 e a Figura 13 mostram a distribuição dos sintomas físicos e psicológicos de stress apresentados pelos pais:

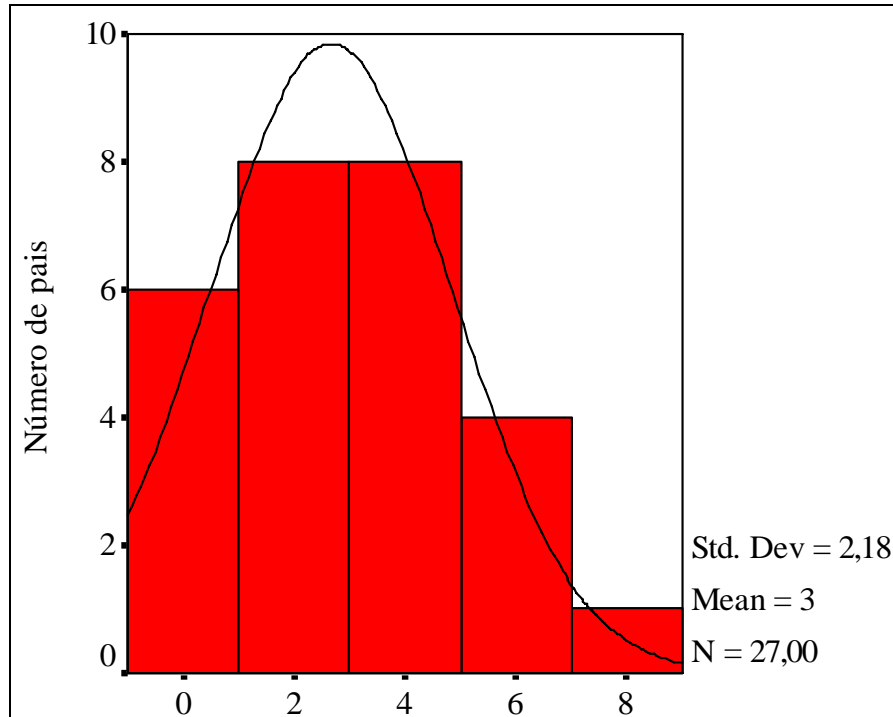


Figura 12 – Distribuição do número de sintomas físicos de stress – pais.

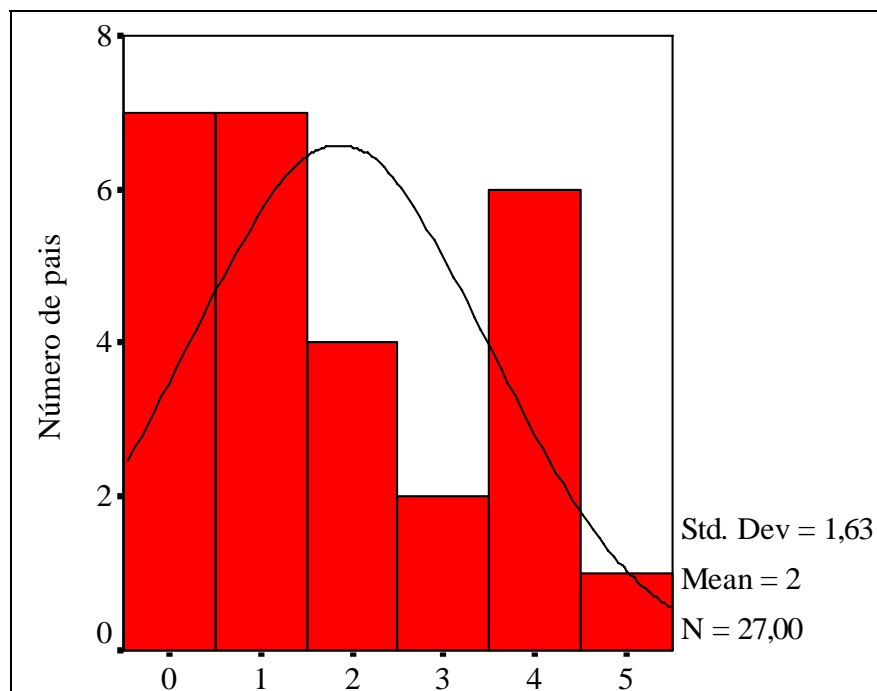


Figura 13 – Distribuição do número de sintomas psicológicos de stress – pais.

Em relação aos sintomas físicos de stress apresentados pelos pais (veja a Tabela 5), a média de sintomas também foi igual a 3 e o número de sintomas variou de 0 (22,2%) a 8 (3,7%).

Em relação aos sintomas psicológicos (veja a Tabela 6) é possível observar um número bastante baixo de sintomas: apenas apresentados pelos pais: apenas um pai apresentou 5 sintomas, sendo a média de sintomas psicológicos apresentados pelos pais igual a 2. A variação de sintomas psicológicos de stress entre os pais (0 a 5 sintomas) foi bem inferior a variação dos mesmos sintomas relatados pelas mães (0 a 11 sintomas).

Tabela 5 - Sintomas de stress físico apresentados pelos pais.

Sintomas de Stress Físico pais		
Número de sintomas	Quantidade de mães	Porcentagem (%)
0	6	22,2
1	2	7,4
2	6	22,2
3	5	18,5
4	3	11,1
5	1	3,7
6	3	11,1
7	0	0,0
8	1	3,7
Total	27	100,0

Tabela 6 - Sintomas de stress psicológico apresentados pelos pais.

Sintomas de Stress Psicológico pais		
Número de sintomas	Quantidade de mães	Porcentagem (%)
0	7	25,9
1	7	25,9
2	4	14,8
3	2	7,4
4	6	22,2
5	1	3,7
Total	27	100,0

Satisfação com o relacionamento conjugal

A grande maioria dos respondentes do sexo masculino (85%) e do sexo feminino (80%) respondeu que estava feliz com seu relacionamento conjugal na maioria dos dias ou que estavam totalmente felizes (veja a Figura 14).

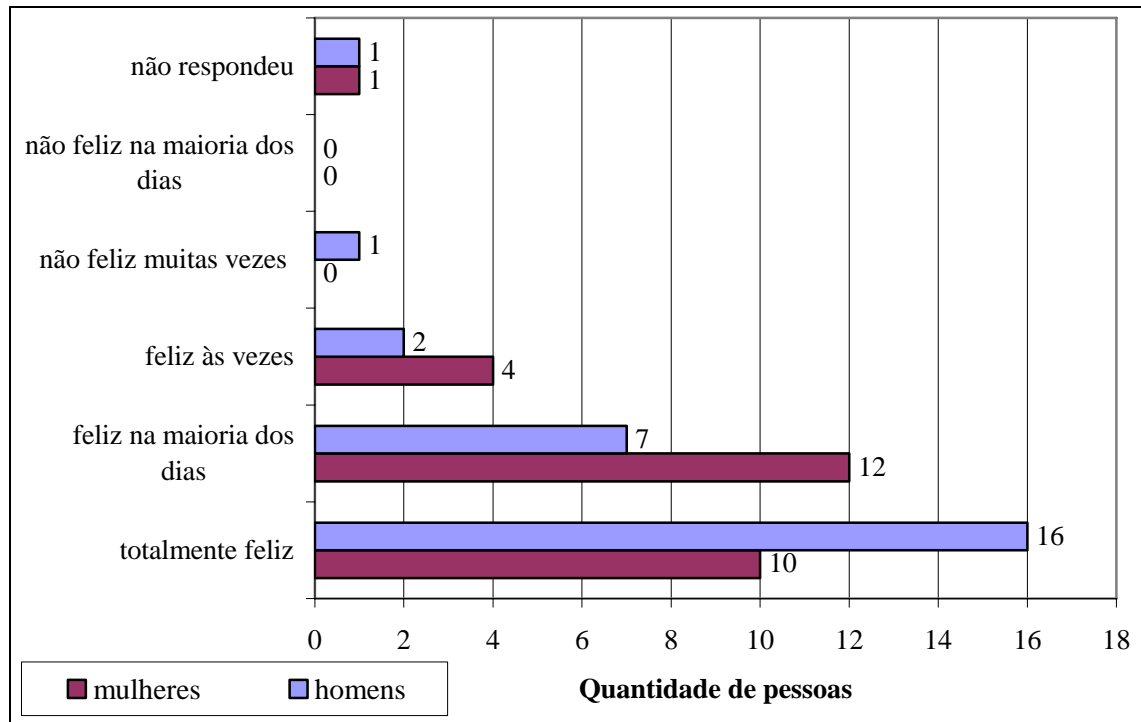


Figura 14 – Distribuição dos participantes, por satisfação com o relacionamento atual e por sexo

Motivos dos conflitos conjugais

Não obstante o alto grau de felicidade relatado, quase todos os participantes também indicaram que passavam por conflitos conjugais. Solicitou-se aos respondentes que indicassem os principais motivos destes conflitos, antes de responder ao instrumento usado para avaliar as estratégias que usavam para lidar com estas situações (veja Tabela 7). O motivo citado com maior frequência, tanto pelas mulheres (28,9% das respostas), como pelos homens (34,3% das respostas) foi o “jeito de ser do parceiro”. Este motivo pode incluir padrões discrepantes entre os membros do casal no que diz respeito à: organização de objetos pessoais, polidez, flexibilidade, dedicação à família versus à profissão, colaboração com atividades domésticas etc. Vários outros motivos também foram mencionados. É interessante observar

que, enquanto para as mulheres os filhos são o segundo maior motivo de conflitos conjugais e o dinheiro em terceiro lugar, para os homens filhos, dinheiro e trabalho aparecem empatados em segundo lugar. O trabalho, como motivo de conflito conjugal, apareceu em sexto lugar na opinião das mulheres.

Tabela 7 – Motivos dos conflitos conjugais

Motivos dos conflitos conjugais				
motivos	mulheres	% mulheres	homens	% homens
Jeito de ser do parceiro	13	28,9	12	34,3
Dinheiro	5	11,1	4	11,4
Filhos	7	15,6	4	11,4
Amigos	4	8,9	2	5,7
Lazer	4	8,9	2	5,7
Família	3	6,7	1	2,9
Intimidade	3	6,7	1	2,9
Comunicação	2	4,4	2	5,7
Trabalho	2	4,4	4	11,4
Outros	1	2,2	0	0,0
Não respondeu	1	2,2	3	8,6

Avaliação do repertório social das crianças

As pontuações obtidas pelas crianças usando o *Inventário Portage Operacionalizado* (Williams & Aiello, 2001), em relação ao desempenho social esperado para sua faixa etária, são apresentadas na Figura 15. Houve variações significativas no desempenho das crianças, com percentuais variando entre 38,4% para uma criança com 20 meses de idade e 100% para uma criança com 21 meses de idade.

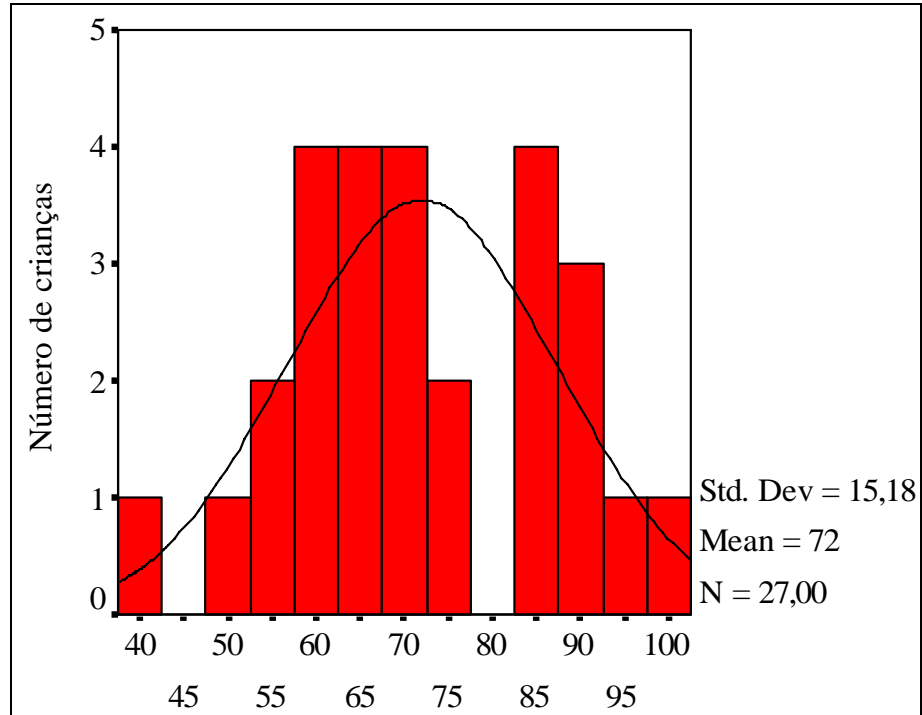


Figura 15 – Avaliação do desempenho social das crianças

A diferença entre as pontuações obtidas por meninos e meninas não foi grande, como é possível observar na Figura 16 e Figura 17, considerando que a pontuação média para os meninos foi 73,4% e para as meninas 70,6%. Comparando com a média geral (72%), não foi observada diferença significativa entre o desempenho social de meninos e meninas para esta amostra.

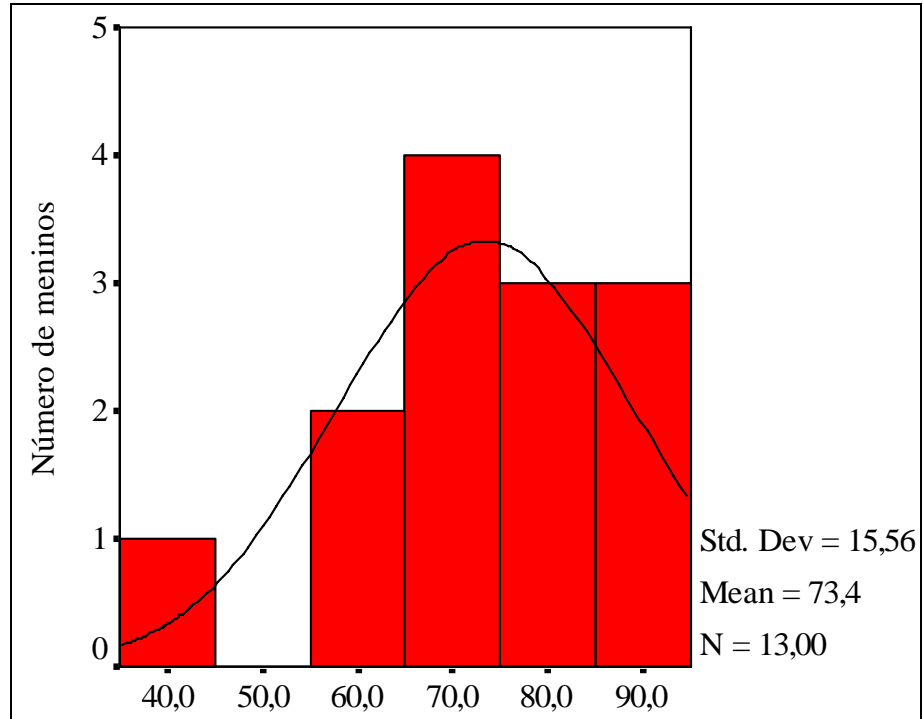


Figura 16 – Avaliação do desempenho social dos meninos

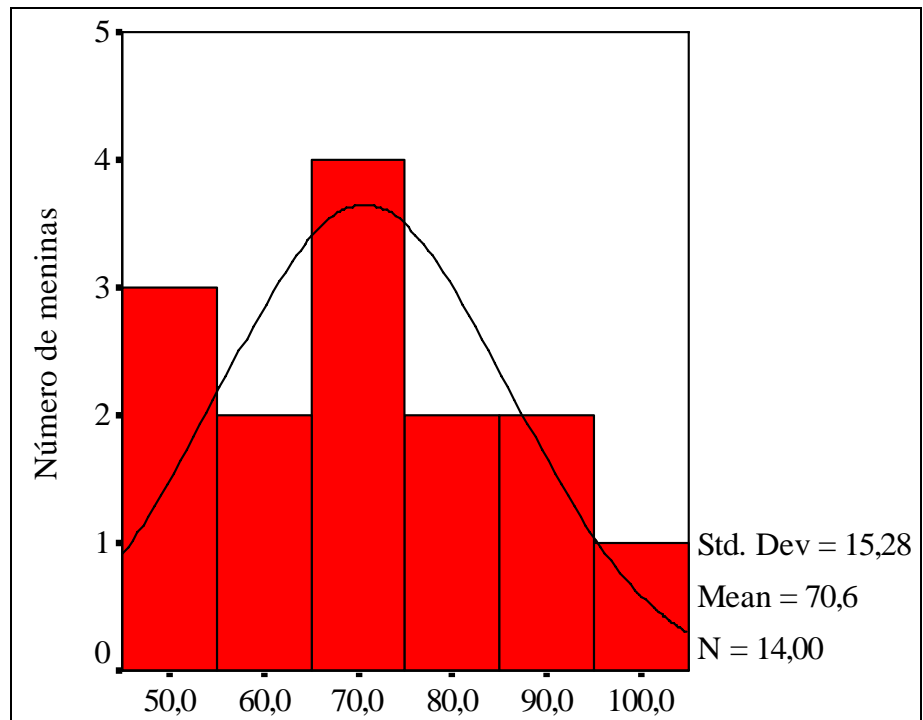


Figura 17 – Avaliação do desempenho social das meninas

II. Correlações

Para iniciar as análises de possíveis correlações entre as características dos pais e de seu relacionamento e o desempenho social de seus filhos, cabe observar se alguma das características das próprias crianças poderia estar correlacionada ao seu desenvolvimento.

A Tabela 8 mostra que não houve correlações significativas entre as características da criança (sexo, idade e número de irmãos) e seu desempenho social.

Tabela 8 - Correlações entre as características da criança e seu desempenho social

Características da criança	Avaliação Portage
Sexo da criança	-,091
Idade da criança em meses	,160
Número de irmãos	,051

Relações entre as características dos pais e o desempenho social das crianças

Em segundo lugar, cabe observar as relações entre as características dos pais e o desempenho social de seus filhos. De acordo com a tabela a seguir, concluímos que não houve correlações estatísticas significativas entre as características de idade, escolaridade, renda familiar mensal e carga diária de trabalho das mães e dos pais com o desempenho social de seus filhos.

Tabela 9 - Correlações entre as características dos pais e o desempenho social de seu filho

Características dos pais	Avaliação Portage
Escolaridade mãe	,343
Escolaridade pai	,028
Idade mãe	,005
Idade pai	,050
Carga diária de trabalho mãe	,070
Carga diária de trabalho pai	,176
Renda familiar mensal	,114

Relações entre o tempo dedicado pela mãe ao filho e o desempenho social das crianças

O tempo médio de horas dedicado pela mãe às atividades de cuidados, atividades educativas e atividades de lazer, tanto nos dias trabalhados como nos dias de folga, também foi analisado quanto à possibilidade de correlação com o desempenho social de seu filho.

A Tabela 10 mostra que, no caso desta amostra, não houve correlação significativa entre estas variáveis.

Tabela 10 - Correlações entre o tempo dedicado pela mãe às atividades educativas, de cuidados e de lazer para com a criança e seu desempenho social

Tempo dedicado pela mãe às atividades com o filho	Avaliação Portage
Número de horas diárias dedicadas às atividades de cuidados nos dias trabalhados	,124
Número de horas diárias dedicadas às atividades de cuidados nos dias de folga	,109
Número de horas diárias dedicadas às atividades educativas nos dias trabalhados	,057
Número de horas diárias dedicadas às atividades educativas nos dias de folga	-,062
Número de horas diárias dedicadas às atividades de lazer nos dias trabalhados	,096
Número de horas diárias dedicadas às atividades de lazer nos dias de folga	-,119

Relações entre aspectos da relação conjugal e o desempenho social das crianças

Nenhum dos indicadores da qualidade da relação conjugal foi significativamente correlacionado com o desempenho social dos seus filhos de 15 a 26 meses (veja Tabela 11).

Tabela 11 - Correlações entre aspectos da relação conjugal e o desempenho social das crianças

Características da relação conjugal	Avaliação Portage
Tempo de união dos pais	,048
IHSC mãe	-,062
IHSC pai	-,259

Relações entre os comportamentos para lidar com conflitos utilizados pelas mães e pelos pais e o desempenho social de seus filhos

Quanto às táticas para lidar com conflito utilizadas pelas mães, não houve correlação significativa entre a pontuação atribuída a frequência de apresentação destes comportamentos e o desempenho social de seus filhos (veja a Tabela 12).

Tabela 12 - Correlações entre as táticas utilizadas pelas mães para lidar com as situações de conflito e o desempenho social de seus filhos

Táticas para lidar com conflitos - mães	Avaliação Portage
Tenta discutir o problema calmamente	,045
Consegue discutir o problema calmamente	-,352
Consegue expor informações sobre o seu modo de ver uma situação ou problema	-,357
Procura ajuda e traz uma pessoa para ajudar a finalizar o problema ou situação	,070
Discute calorosamente (com entusiasmo) mas sem gritar	-,295
Grita e/ou insulta seu parceiro	-,361
Fica emburrado e/ou se recusa a falar sobre o assunto	-,082
Sai com raiva e batendo o pé do lugar em que estava com seu parceiro	-,306
Chora	,308
Faz ou diz alguma coisa para magoar o seu parceiro	-,302

No entanto, com relação às táticas para lidar com conflito utilizadas pelos pais, foi observada uma correlação negativa significativa entre a frequência do item “*Sai com raiva e batendo o pé do lugar em que estava com seu parceiro*” e o desempenho social de seu filho, o que parece indicar que, quanto menos esta habilidade ocorrer, mais favorável parece estar o ambiente familiar para o desenvolvimento social da criança de 15 a 26 meses (veja a Tabela 13).

Tabela 13 - Correlações entre as táticas utilizadas pelos pais para lidar com as situações de conflito e o desempenho social de seus filhos

Táticas para lidar com conflitos - pais	Avaliação Portage
Tenta discutir o problema calmamente	-,128
Consegue discutir o problema calmamente	-,213
Consegue expor informações sobre o seu modo de ver uma situação ou problema	-,227
Procura ajuda e traz uma pessoa para ajudar a finalizar o problema ou situação	-,154
Discute calorosamente (com entusiasmo) mas sem gritar	,140
Grita e/ou insulta seu parceiro	-,299
Fica emburrado e/ou se recusa a falar sobre o assunto	-,216
Sai com raiva e batendo o pé do lugar em que estava com seu parceiro	-,482*
Chora	,061
Faz ou diz alguma coisa para magoar o seu parceiro	-,208

* Correlação é significativa, com $p < 0,05$.

Stress dos pais e o desempenho social das crianças

Apesar das variações presentes em todas as variáveis, as correlações entre as diferentes medidas de stress e o desempenho social das crianças não foram estatisticamente significativas.

Tabela 14 - Correlações entre os sintomas de stress dos pais e o desempenho social das crianças

	Avaliação Portage
Sintomas físicos de stress – mãe	,227
Sintomas psicológicos de stress - mãe	,176
Sintomas físicos de stress – pai	-,009
Sintomas psicológicos de stress– pai	,315

Para melhor entender a coerência de algumas das medidas aplicadas para esta amostra de participantes, avaliou-se algumas correlações entre diferentes medidas coletadas com os pais das crianças, que serão apresentadas a seguir.

Relações entre habilidades sociais conjugais e stress dos pais

A Tabela 15 apresenta as correlações entre as habilidades sociais conjugais dos pais e o número de sintomas físicos e psicológicos apresentados por eles. Observaram-se várias indicações de que os dados coletados possuíam confiabilidade e validade, uma vez que apareceram fortes correlações positivas entre as medidas de stress físico e psicológico, tanto para as mulheres quanto para os homens.

Tabela 15 - Correlações entre os sintomas de stress apresentados pelos pais e habilidades sociais conjugais

	IHSC pai	Sintomas de Stress – mãe		Sintomas de Stress – pai	
		físico	psicológico	físico	psicológico
IHSC –mãe	,554**	,322	,224	,032	-,123
IHSC – pai		-,110	-,022	-,273	-,318
Sintomas físicos – mãe			,744**	,172	,068
Sintomas psicológicos – mãe				,083	-,042
Sintomas físicos – pai					,600**

* Correlação é significativa, com $p < 0.05$.

** Correlação é significativa, com $p < 0.01$.

Os dados da Tabela 15 mostram uma correlação positiva e significativa entre os escores de habilidades sociais das mães e dos pais.

Relações entre habilidades sociais conjugais e a satisfação com o relacionamento atual

Na

Tabela 16, apresentada a seguir, podemos observar a existência de uma correlação positiva significativa entre o escore de habilidades sociais do pai e a satisfação da mãe com o relacionamento com este companheiro. Como hipóteses para este resultado temos que quanto mais socialmente habilidoso for o companheiro, mais sua mulher se sentirá bem em conviver diariamente com ele.

Além disso, a forte correlação positiva e significativa entre a satisfação dos dois membros do casal indica que, quanto mais satisfeito um dos membros do casal se sente com seu relacionamento, mais satisfeito o outro membro também se sentirá.

Tabela 16 - Correlações entre as habilidades sociais conjugais dos pais e a satisfação com o relacionamento atual

	Satisfação mãe	Satisfação pai
IHSC mãe	,292	,004
IHSC pai	,393*	,161
Satisfação mãe	1	,797**
Satisfação pai		1

* Correlação é significativa, com $p < 0.05$.

** Correlação é significativa, com $p < 0.01$.

Relações entre a carga diária de trabalho dos pais e o stress apresentado por eles

Com relação à carga de trabalho diária dos pais, não foram encontradas correlações significativas entre esta variável e a quantidade de sintomas físicos e psicológicos de stress para esta amostra (veja a Tabela 17). Isso provavelmente se justifica considerando o fato de que nos casos em que o pai tem maior carga de trabalho fora de casa, este parece participar menos das atividades domésticas, o que possibilitaria tempo para descanso e conseqüente equilíbrio físico e psicológico. No caso das mães, a ajuda de outra pessoa (marido, mãe, outros filhos) com as atividades domésticas possibilitaria também o equilíbrio mínimo necessário entre trabalho e descanso, não ocasionando sintomas físicos ou psicológicos excessivos de stress.

Tabela 17 - Correlações entre a carga diária de trabalho dos pais e os sintomas de stress físico e psicológico de mães e pais.

Sintomas de stress apresentados pelos pais	Carga de trabalho diária da mãe	Carga de trabalho diária do pai
Sintomas físicos mãe	,099	,212
Sintomas psicológicos mãe	,130	,078
Sintomas físicos pai	-,031	-,234
Sintomas psicológicos pai	-,140	-,042

Relações entre a dedicação dos pais às tarefas domésticas e a carga diária de trabalho

A figura a seguir mostra que houve uma correlação positiva e significativa entre a carga de trabalho diária do pai fora de casa e a média de horas diárias dedicadas pela mãe às atividades domésticas. Assim, podemos pensar que quanto maior a carga de trabalho do pai fora de casa, maior a quantidade de horas dedicadas pela mãe às atividades domésticas, já que o marido não se encontra em casa para dividir estas tarefas com ela.

Tabela 18 - Correlações o número de horas diárias dedicadas às atividades domésticas nos dias de trabalho e nos dias de folga e a carga de trabalho diária de cada um dos pais.

Número de horas diárias dedicadas às atividades domésticas	Carga de trabalho diária da mãe	Carga de trabalho diária do pai
Mãe em dias de trabalho	,034	,491*
Mãe em dias de folga	-,126	,299
Pai em dias de trabalho	,000	,095
Pai em dias de folga	-0,31	,140

* Correlação é significativa, com $p < 0.05$.

No entanto, a Tabela 19, apresentada a seguir, mostra que quanto mais a mãe apresenta sintomas físicos de stress, maior o número de horas dedicadas por seu companheiro às atividades domésticas nos dias em que ele trabalha.

Tabela 19 - Correlações entre o número de horas diárias dedicadas às atividades domésticas nos dias de trabalho e nos dias de folga e os sintomas físicos e psicológicos de stress de mães e pais.

Número de horas diárias dedicadas às atividades domésticas	Sintomas físicos de Stress mãe	Sintomas psicológicos de Stress mãe	Sintomas físicos de Stress físico pai	Sintomas psicológicos de Stress pai
Mãe em dias de trabalho	-,065	-,191	-,144	,064
Mãe em dias de folga	,130	,007	-,188	,037
Pai em dias de trabalho	,454*	,344	,141	,378
Pai em dias de folga	,248	,239	,233	,149

* Correlação é significativa, com $p < 0.05$.

Procedimentos posteriores à análise dos resultados

Após a análise dos resultados, a pesquisadora forneceu a cada uma das famílias participantes da pesquisa um resumo dos resultados obtidos na avaliação do desempenho social de seu filho, mencionando os pontos adequados quanto ao desenvolvimento social esperado para esta faixa etária, os comportamentos sociais que podem ser melhorados e dicas para os pais de como trabalharem com a criança de forma a estimular estes comportamentos. Esta avaliação foi realizada de forma totalmente individualizada, considerando a observação e avaliação do desempenho social para cada criança.

Como mencionado no subtítulo *Sintomas de stress* apresentados pelos pais, a pesquisadora deu uma devolutiva aos pais que apresentaram um número de sintomas de stress acima do esperado, segundo o instrumento ISSL, utilizado para a avaliação dos sintomas de stress. A pesquisadora orientou que estes pais procurassem atendimento psicológico, a fim de diminuir e controlarem seus os sintomas de stress observados, mantendo-os em níveis não prejudiciais para sua saúde física e mental.

DISCUSSÃO

Para melhor discutirmos os resultados apresentados, cabe aqui retomar o objetivo principal deste estudo: analisar as correlações que possam existir entre as características dos pais e de seu relacionamento que possam exercer o papel de fator de risco para o desenvolvimento infantil (como baixa renda, baixa escolaridade, alto grau de stress e alto grau de conflitos conjugais) e o desempenho social apresentado por seus filhos, na avaliação com eles realizada.

Este estudo se propôs a investigar como as características dos pais e de seu relacionamento podem favorecer ou estarem relacionadas de alguma forma ao desenvolvimento de problemas de comportamento ou ao atraso no desenvolvimento social desejado, para crianças com idade entre 15 e 26 meses.

Por se tratar de um estudo com metodologia não-experimental, os resultados principais desta pesquisa envolvem uma série de correlações. No entanto, a possibilidade de observar correlações, quando estas de fato existem na população de interesse, depende da distribuição dos valores observados em cada uma das variáveis, na amostra de participantes. No geral, variáveis que apresentem pouca variação na amostra usada (em função de fatores presentes na amostra de participantes que restringem variações) não permitem determinar a real correlação entre as duas variáveis.

Na análise dos dados foi possível observar que a maior parte das variáveis analisadas não apresentou correlações significativas com o desempenho social destas crianças. Isso porque, para grande parte das características avaliadas, a amostra apresentou grande homogeneidade: classe social (a maior parte dos participantes se concentrou na classe C), escolaridade dos pais (a maior parte dos participantes apresentou ensino médio completo), horário de trabalho das mães (ficou concentrado entre os horários da manhã e tarde) e horário de trabalho dos pais (se concentrou entre o horário comercial e o da manhã). Também quanto ao número de horas trabalhadas por dia, quase não houve variação no caso das mulheres (alta concentração de participantes relatou trabalhar oito horas por dia). No caso dos homens, este número variou de 8 a 15 horas por dia, mas a maior parte dos participantes esteve concentrada entre 8 a 9 horas por dia de trabalho, havendo poucos participantes acima desta média.

Assim, com base nos testes de correlação realizados, concluímos que não houve correlações estatísticas significativas entre as características de idade, escolaridade,

renda familiar mensal e carga diária de trabalho das mães e dos pais com o desempenho social de seus filhos.

Quanto ao relacionamento conjugal, as características tempo de união dos pais e os escores de habilidades sociais conjugais de pais e mães não apresentaram correlações significativas com a avaliação do desempenho social apresentado pelas crianças. Concluímos que algumas limitações do presente trabalho podem ter influenciado neste resultado, principalmente porque os dados foram coletados com crianças freqüentando uma única creche. Esse dado pode estar relacionado ao fato de que as variações ocorridas em algumas das variáveis foram relativamente pequenas.

Desse modo, para melhor testar as hipóteses levantadas, seria interessante obter uma amostra de participantes mais diversificada em relação às variáveis de interesse, principalmente quanto às habilidades sociais conjugais apresentadas pelos pais das crianças a serem avaliadas. Acredita-se que em pesquisas futuras, realizadas com um grupo de pais com habilidades sociais conjugais menos adequadas e que apresentem, conseqüentemente, maior dificuldade para lidar com conflitos, impactos mais marcantes sobre o desempenho social dos seus filhos possam ser observados.

Percebe-se, por exemplo, que todos os casais desta amostra estavam juntos por, no mínimo, dois anos. Assim, todos estes casais estavam formados antes da concepção do filho-alvo. Acredita-se que este fato tenha influenciado positivamente na formação de uma estrutura familiar que favorece a ocorrência de um convívio familiar harmonioso, no que diz respeito aos comportamentos utilizados pelos membros do casal para lidarem com seus conflitos de interesse, considerando que quase todos os pais nesta amostra se avaliaram como razoavelmente habilidosos no que diz respeito à percepção de suas habilidades sociais conjugais. Como sugestão para estudos futuros, poderia ser feita uma comparação das habilidades sociais conjugais com pais e mães de famílias mais diversificadas (como por exemplo, com casais que tenham se formado após um dos membros já ter tido pelo menos um filho), já que na realidade brasileira mais geral existe um número de casos significativos de filhos que nascem fora de um relacionamento conjugal estável (em torno de 20%).

Os participantes também apresentaram grande homogeneidade em relação à satisfação com o relacionamento conjugal, sendo que a maior parte dos participantes, tanto homens como mulheres, relatou estar “totalmente feliz” com sua união ou “feliz na maior parte dos dias”. Este dado pode ser questionado, considerando a possibilidade de que a maior parte dos participantes possa ter dado uma resposta socialmente aceitável, que não necessariamente corresponda à realidade do casal.

Por outro lado, se estas respostas corresponderem de fato à realidade experimentada por estes casais pode haver coerência entre os dados de satisfação com a união atual e a média de habilidades sociais conjugais apresentadas pelas mulheres ($M=87$) e pelos homens ($M=83$). Considerando que o escore máximo permitido para o instrumento utilizado é de 124 pontos, o percentual médio de pontos alcançado pelas mulheres foi de 70,1% e o dos homens foi de 66,9%, o que pode ser considerado um bom percentual.

Assim, é possível compreender a correlação positiva e significativa entre a satisfação das mulheres com relação ao seu relacionamento e o escore de habilidades sociais de seus companheiros. Podemos supor que quanto mais habilidoso socialmente seu companheiro se apresentar, mais satisfeita com a união a mulher se sentirá e quanto mais ela estiver satisfeita com seu relacionamento conjugal, mais ela tenderá a se comportar de forma agradável em relação ao parceiro, o que fará com que este também venha a se sentir satisfeito e novamente venha a se comportar de forma mais agradável para com ela, formando dessa forma um ciclo benéfico para a família como um todo.

Quanto às habilidades sociais dos pais observamos, no entanto, uma correlação positiva e significativa entre os escores de habilidades sociais dos pais e das mães. Uma hipótese é a de que as mulheres mais habilidosas socialmente venham a se unir com homens mais socialmente habilidosos e vice-versa, pelo fato de as pessoas mais socialmente habilidosas talvez valorizarem esta característica em outras pessoas e, por este motivo, escolherem pessoas com estas características para companheiro.

Este dado também pode ser discutido considerando-se a forma sistêmica de ver a família mencionada na introdução. Pode-se pensar que quanto mais habilidosas forem as mulheres em seu relacionamento conjugal, mais os homens se comportarão também de forma mais habilidosa e vice-versa. Assim, temos a hipótese de que para a maior parte das famílias que participaram deste estudo, o ambiente familiar estaria cumprindo o papel de um ambiente de proteção para o desenvolvimento social destas crianças.

Outro dado importante a respeito que pôde ser observado nas análises realizadas quanto a estrutura familiar refere-se às análises dos sintomas de stress apresentados pelos pais. Ocorreu uma correlação positiva e significativa entre a apresentação de sintomas físicos de stress pela mãe e a quantidade de horas diárias dedicadas pelos pais às atividades domésticas. A este respeito, pode-se pensar que, nesta amostra, os homens parecem mais dispostos a ajudar suas companheiras nas atividades domésticas quanto mais elas apresentam sintomas físicos de stress. Embora seja positivo que os homens ajudem suas esposas que apresentam sintomas de stress, é importante mencionar que a mesma correlação não ocorreu

com relação aos sintomas psicológicos de stress e que para cada pessoa o stress pode se manifestar de uma forma diferente: algumas pessoas apresentam mais sintomas físicos e outras, mais sintomas psicológicos, mas ambas tem a mesma necessidade de ajuda. Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se o estudo da relação entre os sintomas de stress (físicos e psicológicos) apresentados pelas mães e a colaboração de seus companheiros em atividades domésticas.

Refletindo um pouco mais a respeito do papel da família como ambiente de proteção para o desenvolvimento social destas crianças, pôde-se verificar que na análise realizada entre o número de horas dedicadas pelas mães às atividades domésticas e a carga diária de trabalho do pai fora de casa, houve uma correlação positiva e significativa. Uma hipótese para alguns dos casos talvez seja a de que a maior jornada de trabalho do homem fora de casa justifique para o casal o fato de que a mulher tenha que dedicar maior tempo às atividades domésticas. Dessa forma, acredita-se que os membros do casal tenham conseguido alcançar certo equilíbrio entre o trabalho fora de casa e as atividades domésticas e de cuidados com o filho, considerando que a maior parte dos pais e mães desta amostra não apresentou número de sintomas físicos e psicológicos consideravelmente altos.

Além disso, a prioridade (atividades de cuidado) estabelecida pelas mães quanto à utilização do tempo disponível com a criança pareceu bastante adequada uma vez que a criança nesta idade precisa ter em primeiro lugar suas necessidades básicas (comida, higiene etc.) supridas. Nota-se ainda o aumento do número de horas dedicadas pela mãe a todas as atividades relacionadas à criança (de cuidados, educativas e de lazer) se compararmos a média de horas nos dias trabalhados com a média de horas nos dias de folga, o que parece demonstrar a preocupação das mães em investirem seu tempo livre em atividades educativas e de lazer com seus filhos, além das atividades de cuidados que eles necessitam.

Outra hipótese a respeito da falta de correlações entre os comportamentos para lidar com conflitos emitidos pelos pais e mães e o desenvolvimento social de seus filhos é a de que nos casos em que houve menores escores de habilidades sociais apresentadas pelos pais, o impacto das situações de conflito talvez possa ter sido amenizado pelo papel da creche que poderia estar atuando na vida destas crianças como um ambiente de proteção, como um “neutralizador” dos efeitos nocivos que possam ocorrer no ambiente familiar. Isso porque, uma vez que a maioria das crianças começou a frequentar a creche com aproximadamente quatro meses de idade e permanecia nela por períodos extensos de tempo diariamente, a relação entre seu comportamento e fatores familiares necessariamente não seriam tão fortes como no caso de crianças da mesma faixa etária que não frequentam uma creche. Além disso,

a creche estimula a socialização das crianças, que podem desenvolver vínculos afetivos com outros adultos, e estes por sua vez podem se tornar novos modelos para o seu desenvolvimento social.

Mesmo assim, é importante destacar que quando observamos isoladamente os comportamentos utilizados pelos pais para lidarem com a situação de conflito de interesses, observamos uma correlação negativa e significativa encontrada entre a frequência do comportamento “*Sai com raiva e batendo o pé do lugar em que estava com o seu parceiro*” apresentado pelos homens e o desempenho social da criança, o que nos faz pensar que, de alguma forma, este comportamento parece exercer influência sobre o comportamento social de crianças pequenas. Retomando o modelo de segurança emocional proposto por Davies e Cummings (1994), conforme apresentado na introdução deste trabalho, uma hipótese possível para este dado seria a de que este comportamento parece evidenciar a falta de auto-controle relacionada ao sentimento de raiva experimentado pelo pai de tal forma que a criança consegue perceber a situação em que este comportamento ocorre como ameaçadora para sua segurança emocional.

Para melhor compreender este dado, fazem-se necessários outros estudos com o objetivo de analisar com maior detalhe a influência deste comportamento para o desenvolvimento social de crianças nesta faixa etária.

Espera-se que os resultados obtidos por este estudo e outros sobre a mesma temática possam ser utilizados como base para programas que tenham como objetivo trabalhar preventivamente com as famílias de crianças nesta faixa etária, a fim de instrumentalizá-los a transformar características dos pais e do relacionamento conjugal como fator de proteção para o desenvolvimento infantil.

Como sugestão para o trabalho com pais, pode-se pensar na realização de um treinamento de habilidades sociais conjugais em grupo, que poderia ajudar os pais a desenvolverem suas habilidades conjugais deficitárias, especialmente aquelas mais diretamente relacionadas ao manejo de conflitos para que, conseqüentemente, o ambiente familiar possa se tornar mais harmonioso e menos ameaçador para a percepção da criança.

Outra sugestão para o trabalho com os pais seria a realização de um trabalho de orientação a respeito do desenvolvimento infantil para esta faixa etária, enfocando quais as características dos pais e de seu relacionamento que podem agir como fatores de risco ou de proteção para o desenvolvimento de seus filhos, além de orientá-los quanto a atividades de estimulação para o desenvolvimento social da criança que possam ser realizadas em casa, no relacionamento diário com a criança.

REFERÊNCIAS

- Achenbach, T. M. (1991). *Integrative Guide for the 1991 CBCL /4-18, YSR and TRF Profiles*. Department of Psychiatry, University of Vermont, USA.
- Achenbach, T. M. & Edelbrock, C. S. (1979). The Child Behavior Profile II. Boys Aged 12-16 and Girls Aged 6-11 and 12-16. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47 (2), 223-233.
- Achenbach, T. M. & Edelbrock, C. S. (1978). The Classification of Child Psychopathology: A Review and Analysis of Empirical Efforts. *Psychological Bulletin*, 85 (6), 1275-1301.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2003). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Disponível em http://www.abep.org/codigosguias/Criterio_Brasil_2008.pdf . Último acesso em 10 de abril de 2009.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17(1), 3-23.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96
- Bertolini, L. B. A. (2002). *Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar*. São Paulo: Vetor.
- Boarini, M. L. (2003). Refletindo sobre a nova e velha família (editorial). *Psicologia em estudo*, número especial, 1-2. (Maringá).
- Bolsoni-Silva, A. T. (2003). *Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares*. Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
- Blanz, B., Schmidt, M. H. & Günther, E. (1991). Familial adversities and child Psychiatric disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 32, 939-950.
- Brasil. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial (2002a). *Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola: Alunos com necessidades educacionais especiais* (Projeto Escola Viva). Brasília: MEC/SEESP.

- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (2002b). *Estratégias e orientações para a educação de alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem associadas às condutas típicas*. Brasília: MEC/SEESP.
- Braz, M. P., Dessen, M. A. & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2),151-161.
- Bystronski, B., Lassance, M. C. P. & Seibach, V. S. M.. (1989). Mulher e trabalho: a integração possível entre o público e o privado. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 4, n. 1/2, 32-42.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais*. 332-334. São Paulo: Editora Santos.
- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 46, 1208-1233.
- Coser, L. A. (1956). *The Functions of Social Conflict*. New York: The Free Press.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C. & Papp, L. M. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 191-202.
- Davies, P. T. & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387-411.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Diniz, G. R. S. (1999). Homens e mulheres frente à Interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. Em: Terezinha Feres Carneiro. *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro, RJ: Nau, 31-54.
- Dodge, D. M., Pettit, G. S. & Bates, J. E. (1994). Socialization mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. *Child Development*, 65, 649-665.

- Dumka, L. E., Roosa, M. W., Michaels, M. L. & Suh, K. W. (1995). Using research and theory to develop prevention programs for high-risk families. *Family Relations*, 44, 78-86.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108-132.
- Fauchier, A & Margolin, G. (2004). Affection and conflict in marital and parent-child relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30 (2), 197-211.
- Ferreira, M. C. T. & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 35-44.
- Fleck, A. C. & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo* (Maringá), 8, 31-38.
- Garcia, M. L. T. & Tassara, E. T. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 127-133.
- Gargiulo, R. M. (2006). Persons with Emotional or Behavioral Disorders. *Special Education in Contemporary Society: an introduction to exceptionality*. Belmont (CA): Wadsworth / Thomson Learning, 288-339.
- Gottlieb, B. H., Kelloway, E. K. e Barham, E. J. (1989). *Flexible Work Arrangements: Managing The Work-Family Boundary*. Chichester, Inglaterra: John Wiley & Sons.
- Gottman, J. M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: A longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61(1), 06-15.
- Gottman, J. M. (1998). Psychology and the study of marital processes. Em: *Annual Review of Psychology*, 169-97.
- Gottman, J. M. & Silver, N. (1999). Sete princípios para o casamento dar certo. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gravena, A. C. (2006). *Retorno ao trabalho após o nascimento de um filho: Percepções de professoras sobre sua experiência*. Tese de mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: SP.
- Hutz, C. S. & Koller, S. H. (1997). Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. *Estudos de Psicologia*, 2(1).

- IBGE (2000). Censo Demográfico. Recuperado em 10 de janeiro, 2009: <http://www.sidra.ibge.gov.br> – Sistema IBGE de Recuperação Automática, banco de dados agregados, dados do universo.
- Ingoldsby, E. M., Shaw, D. S., Owens, E. B. & Winslow, E. B. (1999). A Longitudinal Study of Interparental Conflict, Emotional and Behavioral Reactivity, and Preschoolers' Adjustment Problems among Low-Income Families. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 27(5), 1999, 343-356.
- Lee, C. M. & Gotlib, I. H. (1994). Mental illness and the family. Em: L. L. Abate (Org.), *Handbook of developmental family psychology and psychopathology* (pp. 243- 263). New York: Wiley & Sons.
- Lipp, M. N. (2000). *Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Loeber, R. (1991). Antisocial behavior: More enduring than changeable? *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 30, 393-397.
- López, F. (1995). Desenvolvimento Social e da Personalidade. Em: Coll, C., Palácios, J. & Marchesi, A. (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva*. (tradução de Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues). Vol.1. Porto Alegre: Artes Médicas, 81-93.
- Marturano, E. M. (2000). Ambiente familiar e aprendizagem escolar. Em: Funayama, C. A. R. (Org.). *Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar*. Campinas: Editora Alínea, 91-113.
- Marturano, E. M. (2004). Fatores de risco e proteção no desenvolvimento sócio-emocional de crianças com dificuldade de aprendizagem. Em: Mendes, E. G., Almeida, M. A. e Williams, L. C. A. (Orgs.). *Temas em Educação Especial: Avanços recentes*. São Carlos: Edufscar.
- Melo, M., Silveiras, E. F. M. & Conte, F. C. S. (2004). Orientação Preventiva de um grupo de mães de crianças com dificuldade de interação. Em: Silveiras, E. F. M (Org.). *Estudos de caso em Psicologia Clínica Comportamental Infantil*, vol.1, 3ª. ed., Campinas: Papyrus Editora, 199-216.
- Moreno, M. C. & Cubero, R. (1995). Relações sociais nos anos pré-escolares: família, escola, colegas. Em: Coll, C., Palácios, J. & Marchesi, A. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. (tradução de Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues). Vol.1. Porto Alegre: Artes Médicas, 190-202.

- Nunes, S. A. N., Fernandes, M. G. & Vieira, M. L. (2007). Interações precoces: uma análise das mudanças nas funções parentais. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(3), 160-171.
- O'Brien, M., Bahadur, M., Gee, C., Balto, K. & Erber, S. (1997). Child Exposure to marital conflict and child coping responses as predictors of child adjustment. *Cognitive Therapy and Research*, 21(1), 39-59. New York University.
- Papp, L. M., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M. C. (2002). Marital conflicts in the home when children are present versus absent. *Developmental Psychology*, 38, 774-783.
- Ramsey, E., Shinn, M., Walker, H. M. & O'Neill, R. E. (1989). Parent management practices and school adjustment. *School Psychology Review*, 18(4), 513-525.
- Robbins, S. P. (2004). *Comportamento Organizacional*. (11 a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Prentice Hall/Livros Técnicos e Científicos.
- San, M. F. (2003). Emotional and Behavioral Disorders. In: Heward, W. L. *Exceptional Children: An introduction to special education* (7th Edition) Columbus, OH: Merrill/Prentice Hall, pp. 284 – 320.
- Shaw, D. S. & Emery, R. E. (1988). Chronic family adversity and school-age children's adjustment. *Journal of the Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 27, 200-206.
- Silvares, M. E. F. M. (2001). Intervenção clínica e comportamental com crianças. Em: Range, B. (Org.). *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas: Editora Livro Pleno, 133-141.
- Silveira, L. C. & Barham, E. J. (2000). *A escolha da mulher: participar ou não do mercado de trabalho*. Trabalho apresentado no XXX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasília, DF.
- Silveira, J. M., Silvares, E. F. M. & Marton, S. A. (2003). Programas preventivos de comportamentos anti-sociais: dificuldades na pesquisa e na implementação. *Estudos de Psicologia* (PUC-Campinas), 20 (3), 59-67.
- Straus, M. A. (1979). Measuring Intrafamily Conflict and Violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and the Family*. February, 75-88.
- Tavares, B. F., Béria, J. U. & Lima, M. S. (2004). Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. *Revista de Saúde Pública*, 38 (6), 787-796.
- Vayer, P. & Roncin, C. (1990). *Psicologia atual e desenvolvimento da criança*. São Paulo: Manole Dois, 67-82.

- Vuchinich, S., Bank, L., & Patterson, G. (1992). Parenting, peers, and the stability of antisocial behavior in preadolescent boys. *Developmental Psychology, 28*, 510-521.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*(2), 181-186.
- Webster-Stratton, C. (1990). Enhancing the Effectiveness of Self-Administered Videotape Parent Training for Families with Conduct-Problem Children. *Journal of Abnormal Child Psychology, 18* (5), 479-492.
- Wheeler, L. & Reis, H. T. (1991). Self-recording of everyday life events: origins, types and uses. *Journal of Personality, 59*, 339-354.
- Williams, L. C. A. & Aiello, A. L. R. (2001). O Inventário Portage Operacionalizado: intervenção com famílias. São Paulo: Memnon.

ANEXOS

**ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO DE
CARACTERÍSTICAS FAMILIARES**

Nome da criança (completo): _____

QUESTIONÁRIO DE CARACTERÍSTICAS FAMILIARES

INFORMAÇÕES SOBRE A MÃE

Idade: _____ anos
Grau de instrução: <input type="checkbox"/> 1º grau incompleto <input type="checkbox"/> 1º grau completo <input type="checkbox"/> 2º grau incompleto <input type="checkbox"/> 2º grau completo <input type="checkbox"/> superior incompleto <input type="checkbox"/> superior completo
Qual a sua profissão: _____
Há quanto tempo trabalha nesta profissão? _____
Há quanto tempo está trabalhando na empresa atual? _____
Qual a sua carga horária diária de trabalho? _____ horas
Qual seu horário de trabalho? <input type="checkbox"/> manhã <input type="checkbox"/> tarde <input type="checkbox"/> noite <input type="checkbox"/> horário comercial
Estado civil: <input type="checkbox"/> casado(a) <input type="checkbox"/> solteiro(a) <input type="checkbox"/> viúvo(a) <input type="checkbox"/> separado(a) <input type="checkbox"/> moro com meu parceiro(a)
Número de uniões que você já teve, oficiais ou não, contando a atual: _____
Tempo de união com o companheiro atual: _____

INFORMAÇÕES SOBRE O PAI DO FILHO QUE VOCÊ TEM NA CRECHE

Idade: _____ anos
Grau de instrução: <input type="checkbox"/> 1º grau incompleto <input type="checkbox"/> 1º grau completo <input type="checkbox"/> 2º grau incompleto <input type="checkbox"/> 2º grau completo <input type="checkbox"/> superior incompleto <input type="checkbox"/> superior completo

Profissão: _____
Está trabalhando atualmente? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
Há quanto tempo trabalha nesta profissão? _____
Há quanto tempo está trabalhando na empresa atual? _____
Qual a carga horária diária de trabalho? _____ horas
Qual o horário de trabalho? <input type="checkbox"/> manhã <input type="checkbox"/> tarde <input type="checkbox"/> noite <input type="checkbox"/> horário comercial

INFORMAÇÕES DA FAMÍLIA

Renda média mensal: (valor bruto) R\$ _____			
Na tabela abaixo, indique o sexo, a idade e de que união cada um dos filhos que você tem é fruto:			
	sexo	idade	nascido da união
Primeiro filho	<input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F	_____anos	<input type="checkbox"/> atual <input type="checkbox"/> anterior. Neste caso, indique: <input type="checkbox"/> primeira <input type="checkbox"/> segunda <input type="checkbox"/> terceira
Segundo filho	<input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F	_____anos	<input type="checkbox"/> atual <input type="checkbox"/> anterior. Neste caso, indique: <input type="checkbox"/> primeira <input type="checkbox"/> segunda <input type="checkbox"/> terceira
Terceiro filho	<input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F	_____anos	<input type="checkbox"/> atual <input type="checkbox"/> anterior. Neste caso, indique: <input type="checkbox"/> primeira <input type="checkbox"/> segunda <input type="checkbox"/> terceira
Quarto filho	<input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F	_____anos	<input type="checkbox"/> atual <input type="checkbox"/> anterior. Neste caso, indique: <input type="checkbox"/> primeira <input type="checkbox"/> segunda <input type="checkbox"/> terceira
Quinto filho	<input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F	_____anos	<input type="checkbox"/> atual <input type="checkbox"/> anterior. Neste caso, indique: <input type="checkbox"/> primeira <input type="checkbox"/> segunda <input type="checkbox"/> terceira

CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA

Assinale ao lado de cada item, a quantidade que há em sua residência:					
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Aspirador de pó					
Máquina de lavar					
Videocassete e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)					

Na sua família, quem é a pessoa com maior renda e responsável em suprir a maior parte das despesas da casa? _____

Caso seja você ou o pai do filho que você tem na creche, pule a próxima pergunta. Se for outra pessoa, como um novo companheiro, por exemplo, por favor não deixe de responder.

Grau de instrução do chefe de família:

- 1º grau incompleto
- 1º grau completo
- 2º grau incompleto
- 2º grau completo
- superior incompleto
- superior completo

RELACIONAMENTO DA MÃE COM O COMPANHEIRO ATUAL

Você está se relacionando com alguém atualmente? sim não

O pai do seu filho que está na creche é o seu companheiro atual? sim não

Numere os itens abaixo de 1 a 8, colocando o número 1 para o item que você considera mais importante, 2 para o item que você considera o segundo mais importante e assim, sucessivamente até o número 8, para o item que você considera menos importante para que o relacionamento com seu companheiro seja bom. Por favor, não deixe de numerar nenhum dos itens.

Conversar a respeito da família.

Concordar a respeito da forma de educar os filhos.

Bom relacionamento sexual.

Pouca ou nenhuma interferência de outras pessoas da família na vida do casal (mãe, sogra, irmãos, cunhados).

Dividir as tarefas domésticas entre o casal.

Dividir as tarefas de cuidado e educação dos filhos entre o casal.

Ter alguém que possa ajudar no cuidado dos filhos enquanto os pais trabalham.

Ter alguém que possa ajudar nas atividades domésticas.

ROTINA DA MÃE E DA CRIANÇA

Em sua casa, você realiza atividades domésticas? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Quanto tempo (aproximadamente) você dedica por dia para realizar atividades domésticas? ____ horas por dia, nos dias em que trabalha. ____ horas por dia, nos dias de folga.
Alguém ajuda você a realizar estas atividades? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Se sim, quem? _____
Seu companheiro ajuda você a realizar estas atividades? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Quanto tempo (aproximadamente) seu companheiro dedica por dia para realizar atividades domésticas? ____ horas por dia, nos dias em que trabalha. ____ horas por dia, nos dias de folga.

ATENÇÃO: Responda as perguntas a seguir, pensando no filho que você tem freqüentando a creche

Quanto tempo você dedica diariamente a atividades de cuidado de seu(s) filho(s) (ex. dar banho, dar comida, trocar fralda ou ajudar a usar o banheiro, colocar para dormir, ajudar a se vestir, levar a criança à creche/escola, levar a criança a outras atividades). Para esta pergunta, entenderemos por cuidado com os filhos as atividades de cuidado voltadas exclusivamente para a criança, que não incluam atividades de lazer.

____ horas por dia, nos dias em que trabalha.

____ horas por dia, nos dias de folga.

Como são divididas estas atividades entre você e seu cônjuge? (Marque apenas uma alternativa)

Realizo estas atividades sozinho(a), sem a ajuda de meu cônjuge.

Realizo a maior parte destas atividades. Meu cônjuge ajuda apenas quando eu peço.

Realizo a maior parte destas atividades, mas às vezes meu cônjuge me ajuda espontaneamente

Ajudo meu cônjuge a realizar estas atividades quando percebo que ele (ela) está precisando de ajuda.

Ajudo meu cônjuge a realizar estas atividades quando ele (ela) me pede ajuda.

Realizo estas atividades apenas quando meu cônjuge não está em casa.

Não realizo estas atividades, meu cônjuge as realiza.

Alguém (além de seu cônjuge) ajuda na rotina de cuidado com o(s) filho(s)? (indique todas as pessoas que ajudam, regularmente).

não

sim, os avós maternos – _____ horas/semana

sim, os avós paternos – _____ horas/semana

sim, outro membro da família. Neste caso, quem? _____ – _____ horas/semana

sim, uma pessoa contratada – _____ horas/semana

sim, uma pessoa contratada eventualmente, quando necessário

Quanto tempo você dedica diariamente a atividades educativas de seu filho? (por exemplo: ajudar a fazer a lição de casa, ler uma história para ele, ensinar algo novo)

____ horas por dia, nos dias em que trabalha.

____ horas por dia, nos dias de folga.

Quanto tempo você dedica diariamente a atividades de lazer com seu filho? (por exemplo: brincar com ele ou levá-lo para algum lugar para que ele brinque: parque, praça, clube etc.).

____ horas por dia, nos dias em que trabalha.

____ horas por dia, nos dias de folga.

RELACIONAMENTO DOS PAIS COM A CRIANÇA

Para cada filho, marque com um “x” a opção que melhor descreve o relacionamento entre você e ele:					
	Relacionamento				
filho 1	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 2	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 3	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 4	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 5	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo

Para cada filho, marque com um “x” a opção que melhor descreve o relacionamento entre o pai e ele:					
	Relacionamento				
filho 1	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 2	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 3	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 4	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo
filho 5	<input type="checkbox"/> ótimo	<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim	<input type="checkbox"/> péssimo

**ANEXO 2 – INVENTÁRIO DE HABILIDADES
SOCIAIS CONJUGAIS**

INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS

Responda cada um dos itens abaixo, fazendo um “X” no quadrinho que melhor indica a frequência com que você apresenta o comportamento sublinhado em cada item, considerando um total de 10 vezes em que poderia se encontrar na situação descrita no item.

A – NUNCA OU RARAMENTE (em 10 situações deste tipo, reajo dessa forma no máximo 1 vez)

B – COM POUCA FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 2 a 3 vezes)

C – COM REGULAR FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 4 a 6 vezes)

D – MUITO FREQUENTEMENTE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes)

E – SEMPRE OU QUASE SEMPRE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes)

ITENS	A	B	C	D	E
1) No dia a dia, converso naturalmente sobre qualquer assunto com meu cônjuge					
2) Quando meu cônjuge insiste em dizer o que devo fazer, contrariando o que penso, acabo aceitando para evitar problemas.					
3) Ao ser elogiada(o) sinceramente por meu cônjuge, respondo-lhe agradecendo.					
4) Em uma conversa, se meu cônjuge me interrompe, peço que ele(a) espere até eu terminar o que estava dizendo.					
5) Quando meu cônjuge deixa de cumprir algum de nossos acordos, dou um jeito de lembrá-lo (a).					
6) Quando meu cônjuge faz algo que acho bom, mesmo que não seja diretamente a mim, procuro elogiá-lo na primeira oportunidade.					
7) Sinto dificuldade em demonstrar carinho através de palavras ou gestos a meu cônjuge.					
8) Se meu cônjuge faz uma afirmação que considero errada, eu exponho meu ponto de vista.					
9) Sinto-me envergonhada(o) em pedir ao meu cônjuge que não faça certas carícias que me incomodam.					
10) Se estou querendo manter relacionamento sexual com meu cônjuge, consigo tomar a iniciativa ou fazê-lo perceber isso.					
11) Se meu cônjuge me faz um elogio, fico encabulada(o), sem saber o que dizer.					
12) Quando meu cônjuge me critica injustamente, digo a ele(a) que estou					

aborrecido.					
13) Se não concordo com meu cônjuge, expesso verbalmente minha discordância					
14) Se não estou à vontade em conversar sobre um tema com meu cônjuge, tenho dificuldade em encerrar ou mudar de assunto, deixando que ele(a) o faça.					
15) Quando meu cônjuge me critica, reajo de forma agressiva.					
16) Sempre que a situação é oportuna, consigo dizer/expressar meus sentimentos de carinho a meu cônjuge.					
17) Quando meu cônjuge pede que eu faça uma tarefa que é dele(a), consigo negar-me a fazê-la, esclarecendo que esta tarefa é dele e não minha.					
18) Sempre que preciso esclarecer algo com meu cônjuge, faço as perguntas que acho necessárias.					
19) Se meu cônjuge faz algo que não gosto, tenho dificuldade em expressar-lhe meu desagrado.					
20) Mesmo estando envolvida(o) com várias tarefas, prefiro fazê-las sozinha(o) à pedir ajuda a meu cônjuge.					
21) Quando meu cônjuge consegue alguma coisa importante, pela qual se empenhou muito, eu o (a) elogio pelo sucesso.					
22) Ao sentir que preciso de ajuda, tenho facilidade em pedi-la a meu cônjuge.					
23) Mesmo não estando disposta(o) a ter relação sexual, acabo concordando para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a) comigo.					
24) Concordo em fazer as tarefas que meu cônjuge me pede e que não são da minha obrigação, mesmo sentindo um certo abuso nestes pedidos.					
25) Se estou sentindo-me bem (feliz), expesso isso para meu cônjuge.					
26) Consigo “levar na esportiva” as brincadeiras/gozações de meu cônjuge a meu respeito.					
27) Se meu cônjuge avalia de forma injusta meu desempenho em alguma atividade, evito discutir sua avaliação.					
28) Em situação de conflito de opiniões com meu cônjuge, fico calada(o) sem manifestar meu desagrado.					
29) Se me sinto desrespeitado(a) por meu cônjuge, fico calado(a) sem manifestar meu desagrado.					
30) Prefiro não dizer minha opinião a ferir os sentimentos do meu cônjuge, mesmo quando solicitado(a) a dizer o que penso.					
31) Durante a relação sexual, costumo dizer a meu cônjuge quais carícias mais me agradam.					

ANEXO 3 – DESCRIÇÃO DE SITUAÇÕES DE CONFLITO

Nome da criança: _____

Satisfação com o relacionamento atual

1. Qual das alternativas abaixo melhor descreve sua satisfação com seu relacionamento atual?

- () sinto-me **totalmente feliz** com meu relacionamento atual
- () na maioria dos dias, **sinto-me feliz** com meu relacionamento atual
- () às vezes **sinto-me feliz** com meu relacionamento atual, às vezes não me sinto.
- () muitas vezes **não me sinto feliz** com meu relacionamento atual
- () na maioria dos dias **não me sinto feliz** com meu relacionamento atual.

2. Numere os itens abaixo de 1 a 8, colocando o número 1 para o item que você considera mais importante, 2 para o item que você considera o segundo mais importante e assim, sucessivamente até o número 8, para o item que você considera menos importante para que o relacionamento com seu companheiro seja bom. Por favor, não deixe de numerar nenhum dos itens e **não repita nenhum número**, ou seja, se você colocar o número 1 para um item, não poderá colocar o número 1 novamente em nenhum outro item. Por isso, **leia todos os itens atentamente antes de numerá-los**.

- Conversar a respeito da família.
- Concordar a respeito da forma de educar os filhos.
- Bom relacionamento sexual.
- Pouca ou nenhuma interferência de outras pessoas da família na vida do casal (mãe, sogra, irmãos, cunhados).
- Dividir as tarefas domésticas entre o casal.
- Dividir as tarefas de cuidado e educação dos filhos entre o casal.
- Ter alguém que possa ajudar no cuidado dos filhos enquanto os pais trabalham.
- Ter alguém que possa ajudar nas atividades domésticas.

Descrição das situações de conflito

ATENÇÃO: CONFLITOS SÃO COMUNS EM QUALQUER RELACIONAMENTO. TODOS OS CASAIS PASSAM POR CONFLITOS.

1. **Temas dos conflitos**

Quais são os motivos mais freqüentes de conflito entre você e seu companheiro?

- () filhos
- () trabalho
- () lazer
- () família
- () dinheiro
- () intimidade
- () comunicação

- () jeito de ser do parceiro
 () amigos
 () _____

2. Comportamentos

I – A seguir você verá uma lista de comportamentos que podem ocorrer em situações de conflito. Pensando nas últimas situações de conflito pelas quais você e seu companheiro passaram, leia atentamente cada item e marque um “X” na frequência com que **você** se comportou da forma descrita, de acordo com a escala a seguir:

- A – NUNCA OU RARAMENTE (em 10 situações deste tipo, reajo dessa forma no máximo 1 vez)
 B – COM POUCA FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 2 a 3 vezes)
 C – COM REGULAR FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 4 a 6 vezes)
 D – MUITO FREQUENTEMENTE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes)
 E – SEMPRE OU QUASE SEMPRE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes)

	A	B	C	D	E
Tenta discutir o problema calmamente.					
Consegue discutir o problema calmamente.					
Consegue expor informações sobre o seu modo de ver uma situação ou problema.					
Procura ajuda e traz uma pessoa para ajudar a finalizar o problema ou situação.					
Discute calorosamente (com entusiasmo), mas sem gritar.					
Grita e/ou insulta seu parceiro.					
Fica emburrado e/ou se recusa a falar sobre o assunto.					
Sai com raiva e batendo o pé do lugar em que estava com seu parceiro.					
Joga um objeto (mas não em direção ao seu parceiro) ou quebra alguma coisa.					
Ameaça bater ou jogar alguma coisa em seu parceiro.					
Joga um objeto em seu parceiro.					
Empurra ou segura (aperta) seu parceiro.					
Bate ou tenta bater em seu parceiro, sem usar nenhum objeto.					
Bate ou tenta bater em seu parceiro, usando um objeto.					

Chora.					
Faz ou diz alguma coisa para magoar o seu parceiro.					
Dá um tapa em seu parceiro.					
Chuta, morde ou dá um soco em seu parceiro.					
Ameaça o seu parceiro com uma faca ou arma.					
Outra opção. _____					

II - Abaixo você verá uma lista de comportamentos que podem ocorrer em situações de conflito. Pensando nas últimas situações de conflito pelas quais você e seu companheiro passaram, leia atentamente cada item e marque um “X” na frequência com que **seu companheiro** se comportou da forma descrita, de acordo com a escala a seguir:

A – NUNCA OU RARAMENTE (em 10 situações deste tipo, reajo dessa forma no máximo 1 vez)

B – COM POUCA FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 2 a 3 vezes)

C – COM REGULAR FREQUÊNCIA (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 4 a 6 vezes)

D – MUITO FREQUENTEMENTE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes)

E – SEMPRE OU QUASE SEMPRE (em 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes)

	A	B	C	D	E
Tenta discutir o problema calmamente.					
Consegue discutir o problema calmamente.					
Consegue expor informações sobre o seu modo de ver uma situação ou problema.					
Procura ajuda e traz uma pessoa para ajudar a finalizar o problema ou situação.					
Discute calorosamente (com entusiasmo), mas sem gritar.					
Grita e/ou insulta seu parceiro.					
Fica emburrado e/ou se recusa a falar sobre o assunto.					
Sai com raiva e batendo o pé do lugar em que estava com seu parceiro.					
Joga um objeto (mas não em direção ao seu parceiro) ou quebra alguma coisa.					
Ameaça bater ou jogar alguma coisa em seu parceiro.					
Joga um objeto em seu parceiro.					

Empurra ou segura (aperta) seu parceiro.					
Bate ou tenta bater em seu parceiro, sem usar nenhum objeto.					
Bate ou tenta bater em seu parceiro, usando um objeto.					
Chora.					
Faz ou diz alguma coisa para magoar o seu parceiro.					
Dá um tapa em seu parceiro.					
Chuta, morde ou dá um soco em seu parceiro.					
Ameaça o seu parceiro com uma faca ou arma.					
Outra opção. _____					

Avaliação de sua saúde

I. Marque com um “x” os sintomas que tem experimentado **nas últimas 24 horas**:

1. () mãos e pés frios
2. () boca seca
3. () nó no estômago
4. () aumento de sudorese
5. () tensão muscular
6. () aperto da mandíbula/ ranger os dentes
7. () diarreia passageira
8. () insônia
9. () taquicardia
10. () hiperventilação
11. () aumento da pressão de forma rápida e passageira
12. () mudança de apetite
13. () aumento de motivação de repente
14. () grande entusiasmo de repente
15. () de repente uma grande vontade de iniciar novos projetos

II. Marque com um “x” os sintomas que tem experimentado **na última semana**:

1. () problemas com a memória
2. () mal estar generalizado, sem causa específica
3. () formigamento das extremidades
4. () sensação de desgaste físico constante
5. () mudança de apetite
6. () aparecimento de problemas dermatológicos
7. () aumento da pressão arterial
8. () cansaço constante
9. () aparecimento de úlcera
10. () tontura/ sensação de estar flutuando

11. () sensibilidade emotiva excessiva
12. () dúvida quanto a si próprio
13. () pensar constantemente em um só assunto
14. () irritabilidade excessiva
15. () diminuição da libido

III. Marque com um “x” os sintomas que tem experimentado **no último mês:**

1. () diarreia freqüente
2. () dificuldades sexuais
3. () insônia
4. () náusea
5. () tiques
6. () aumento da pressão da pressão arterial com freqüência
7. () problemas de pele constantes
8. () mudança extrema de apetite
9. () excesso de gases
10. () tontura freqüente
11. () úlcera
12. () enfarte
13. () impossibilidade de trabalhar
14. () pesadelos
15. () sensação de incompetência em todas as áreas
16. () vontade de fugir de tudo
17. () apatia, depressão ou raiva prolongada
18. () cansaço excessivo
19. () pensar/falar constantemente em um só assunto
20. () irritabilidade sem causa aparente
21. () angústia/ansiedade diária
22. () hipersensibilidade emotiva
23. () perda do senso de humor

**ANEXO 4 - ESCALA DE TÁTICAS DE
CONFLITO - STRAUS (1979)**

ESCALA DE TÁTICAS DE CONFLITO - Straus (1979)

A seguir você verá uma lista de comportamentos que podem ocorrer em situações de conflito. Lembrando do dia de ontem, leia atentamente cada item e circule todos os itens que contenham comportamentos que você teve ontem em relação ao seu parceiro.

No dia de ontem, você...

- Tentou discutir um problema calmamente.
- Conseguiu discutir um problema calmamente.
- Conseguiu expor informações sobre o seu modo de ver uma situação ou um problema.
- Procurou ajuda e trouxe uma pessoa para ajudar a finalizar um problema ou uma situação.
- Discutiui calorosamente (com entusiasmo), mas sem gritar.
- Gritou e/ou insultou seu parceiro.
- Ficou emburrado e/ou se recusou a falar sobre o assunto.
- Saiu com raiva e batendo o pé do lugar em que estava com seu parceiro.
- Jogou um objeto (mas não em direção ao seu parceiro) ou quebrou alguma coisa
- Ameaçou bater ou jogar alguma coisa em seu parceiro.
- Jogou um objeto em seu parceiro.
- Empurrou ou segurou (apertou) seu parceiro.
- Bateu ou tentou bater em seu parceiro, sem usar nenhum objeto.
- Bateu ou tentou bater em seu parceiro, usando um objeto.
- Chorou.
- Fez ou disse alguma coisa para magoar o seu parceiro.
- Deu um tapa em seu parceiro.
- Chutou, mordeu ou deu um soco em seu parceiro.
- Deu uma surra em seu parceiro.
- Ameaçou o seu parceiro com uma faca ou arma.
- Usou uma faca ou arma contra o seu parceiro.
- Outra opção. _____

**ANEXO 5 – ITENS DA ÁREA DE
SOCIALIZAÇÃO DO INVENTÁRIO PORTAGE
PARA AVALIAÇÃO DE CRIANÇAS ENTRE 1 E 2
ANOS DE IDADE**

Imita um adulto em uma tarefa simples (por exemplo: sacudir roupas, estender os lençóis da cama, segurar talheres).

- Brinca ao lado de outra criança, cada uma realizando uma atividade diferente.
- Toma parte em uma brincadeira com outra criança, por dois a cinco minutos (por exemplo, empurrando um carrinho ou rolando uma bola).
- Aceita a ausência dos pais, continuando suas atividades, embora possa reclamar momentaneamente.
- Explora ativamente seu meio ambiente.
- Toma parte de uma atividade manipulativa com outra pessoa (por exemplo: puxa barbante, vira uma maçaneta).
- Abraça e carrega uma boneca ou brinquedo macio.
- Repete ações que produzem risos e atenção.
- Dá um livro para que um adulto o leia ou para que ambos o compartilhem.
- Puxa uma pessoa para mostrar-lhe alguma ação ou objeto.
- Retira a mão ou diz “não” quando está próximo de um objeto não permitido e alguém o lembra disto.
- Quando colocado em sua cadeira ou trocador, espera de dois a cinco minutos para ser atendido (alimentado ou trocado).
- Brinca com duas ou três crianças de sua idade.
- Compartilhar um objeto ou alimento com outra criança, quando solicitado.
- Cumprimenta colegas ou adultos familiares quando lembrado.

**ANEXO 6 - TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Características dos pais e de seu relacionamento como influência no desenvolvimento social de crianças pequenas”.

Esta pesquisa tem por objetivo estudar o desenvolvimento social de crianças de um a dois anos de idade e também algumas características dos pais e de seu relacionamento. Verificamos junto à creche que seu filho frequenta que seu filho se encontra nesta faixa de idade e, por isso, ele e você foram selecionados para participar.

Esta pesquisa tem por objetivo coletar e analisar algumas informações da criança e algumas informações dos pais. Sua participação nesta pesquisa consistirá em fornecer algumas informações referentes a você e seu relacionamento com seu companheiro e também autorizar a aplicação de um instrumento aprovado pelo Conselho da Psicologia, que permite a avaliação do desenvolvimento social do seu filho. As informações sobre o desenvolvimento social da criança serão coletadas no ambiente da creche, por meio de observação da criança. As informações a respeito das características dos pais e de seu relacionamento serão solicitadas por meio de questionários e outros instrumentos que serão colocados na mochila de seu filho com o pedido para serem respondidos e a data em que deverão ser entregues.

Durante o decorrer da pesquisa, os responsáveis pelas crianças poderão experimentar desconforto ao descreverem suas dificuldades e os conflitos que experimentam em seu dia-a-dia. No entanto, espera-se que as informações sobre diferentes estratégias que pessoas usam para lidar com conflitos possam lhe ajudar a lidar melhor com as suas dificuldades. Ao final do trabalho, você receberá um retorno em relação aos resultados obtidos com base na avaliação de seu filho.

Além disso, ao participar, você estará colaborando para o desenvolvimento da pesquisa científica que, por facilitar o trabalho dos profissionais que atuam com estes conhecimentos, contribui para a melhoria da qualidade de vida da população.

O pesquisador se compromete a esclarecer todas as dúvidas que surgirem antes e durante o decorrer da pesquisa, a respeito dos procedimentos e instrumentos a serem utilizados.

Sua participação não é obrigatória e não haverá nenhum problema ou prejuízo, nem para você nem para seu (sua) filho(a), se você se recusar a participar desta pesquisa. Você terá o direito de desistir de sua participação nesta pesquisa a qualquer momento e retirar o seu consentimento, caso você queira.

Por se tratar de uma pesquisa científica, as informações que você irá fornecer serão guardadas pelo pesquisador em sigilo, ou seja, ninguém conseguirá identificá-lo como respondente, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados. O pesquisador assumirá o compromisso de proteger sua privacidade.

Você receberá uma cópia deste termo com o telefone e o endereço do pesquisador responsável e poderá entrar em contato a qualquer momento para tirar dúvidas sobre a pesquisa e sua participação.

Fabiana Rocha Machado
Psicóloga Pesquisadora
Universidade Federal de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial
Rodovia Washington Luiz, km 235
Telefones: (16) 9177-5557/3351-8110

Declaro que compreendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, km 235 – Caixa Postal 676 – CEP: 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil e o número de telefone é (16)3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Araraquara, 16 de outubro de 2008.

Assinatura do participante da pesquisa

**ANEXO 7 – PARECER DE APROVAÇÃO DO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES
HUMANOS DA UFSCAR**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos**

Via Washington Luís, km. 235 - Caixa Postal 676

Fones: (016) 3351.8109 / 3351.8110

Fax: (016) 3361.3176

CEP 13560-970 - São Carlos - SP - Brasil

propg@power.ufscar.br - <http://www.propg.ufscar.br/>

CAAE 3922.0.000.135-08

Título do Projeto: Características dos pais e de seu relacionamento com influência no desenvolvimento sócio-emocional de crianças pequenas

Classificação: Grupo III

Pesquisadores (as): Fabiana Rocha Machado, Profa. Dra. Elisabeth Joan Barham (orientadora)

Processo n.º: 23112.004168/2008-20

Parecer N.º. 513/08

1. Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em ___/___/___ e ao término do estudo.

2. Avaliação do projeto

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar) analisou o projeto de pesquisa acima identificado e considerando os pareceres do relator e do revisor DELIBEROU:

SÚMARIO GERAL DO PROTOCOLO: O projeto objetiva investigar alguns possíveis fatores relacionados ao desenvolvimento socioemocional de crianças de um a dois anos, focalizando os relativos à interação do casal de pais da criança (sua relação conjugal) e da interação pais-criança. O processo de amostragem está descrito, porém o número de crianças e pais que comporão a amostra não está especificado. O método consistirá na observação do comportamento das crianças (observação consolidada na forma de um inventário) numa creche de uma empresa e na aplicação de alguns instrumentos de coleta de dados aplicados aos pais (questionários e inventários). Não há descrição de riscos e benefícios no projeto, porém essa descrição está apropriadamente feita no modelo de TCLE. O trabalho é justificável em vista da importância de se conhecer progressivamente os fatores de risco ao desenvolvimento social e emocional das crianças pequenas no contexto brasileiro.

APRESENTAÇÃO DO PROTOCOLO: Folha de rosto preenchida adequadamente pelos responsáveis, incluindo o diretor industrial da empresa onde a creche que será campo de pesquisa está situada. Os currículos das pesquisadoras são credenciados à realização. O cronograma prevê procedimento de "reunião com os pais" das crianças em novembro de 2008 e "coleta de dados com os pais e as crianças" em novembro e dezembro de 2008. Esse cronograma está inviabilizado porque a tramitação do protocolo no CEP teve início em 07/11/08 e não há no item "procedimentos preliminares e cuidados éticos" a explicitação de que tais procedimentos somente seriam feitos após aprovação deste comitê (porém, esta garantia encontra-se no TCLE). Não há orçamento anexado, embora se possa depreender que os custos do procedimento não são muitos significativos, pois utilizará basicamente o tempo do pesquisador na aplicação de questionários e inventários.

COMENTÁRIOS/CONSIDERAÇÕES: Termo de consentimento livre e esclarecido: adequado.

CONCLUSÃO: Cronograma deve ser refeito, pois as etapas previstas para novembro e dezembro de 2008 já não são viáveis. Orçamento deve ser anexado nesse protocolo.



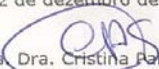
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
Via Washington Luís, km. 235 - Caixa Postal 676
Fones: (016) 3351.8109 / 3351.8110
Fax: (016) 3361.3176
CEP 13560-970 - São Carlos - SP - Brasil

propg@power.ufscar.br - <http://www.propg.ufscar.br/>

3. Conclusão:

Projeto aprovado com recomendação

São Carlos, 22 de dezembro de 2008.


Prof. Dra. Cristina Palva de Sousa
Coordenadora do CEP/UFSCar